

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Regulamento da Juventude Estudantil Católica	641
Obediência e liberdade na vida religiosa	
<i>Pe. Jaime Snock C.S.S.R.</i>	648
Recrutamento de Vocações femininas	
<i>Madre Maria Denice de Carvalho R. S. D.</i>	656
Atividades catequéticas na Província Marista do Brasil Central	
<i>Irmão João de Deus, Provincial P. F. M.</i>	670
Questões médico morais — II — Eutanásia	
<i>Pe. Frei Rafael de União O. F. M. Cap.</i>	676
A participação dos Colégios Católicos na próxima celebração do Dia Nacional e Universal de Ação de Graças	
<i>Alice Gérin Isnard Tavora</i>	681
Uma Revista internacional de experiências apostólicas	
<i>Pe. Tiago G. Cloin C.S.S.R.</i>	686
Jubileu de Prata dos Padres dos Sagrados Corações	
<i>Pe. Sebastião M. Martin, S.S. C.C.</i>	690
As Irmãs Terceiras Franciscanas Alcantarinas	
<i>Pe. Frei Jacinto de Palazzolo O. F. M. Cap.</i>	693
Comunicações	700
Correspondência das Secções Estaduais	701
Novas Fundações	702
Bibliografia	703

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil
Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil
Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

REGULAMENTO

DA JUVENTUDE ESTUDANTIL CATÓLICA (JEC E JECF)

Em cumprimento à deliberação da Primeira Assembléa Anual dos Superiores Maiores, de promover o "desenvolvimento da Ação Católica, particularmente da J. E. C. em nossos colégios, aderindo filialmente aos apêlos da Santa Sé e da Conferência Nacional dos Bispos" (Declaração da Assembléa, publicada na Revista da C. R. B., N.º 27, pág. 532), publicamos aqui o Regulamento da Juventude Estudantil Católica, para um maior conhecimento e completo desenvolvimento da J. E. C. e J. E. C. F. nos educandários dos Religiosos.

Natureza e fins.

Art. 1.º — A Juventude Estudantil Católica e a Juventude Estudantil Católica Feminina, (JEC e JECF), setores especializados da J. M. C. e da J. F. C. para o meio estudantil de grau médio (art. 8.º e art. 11.º, letras "c" e "d" dos Estatutos da A. C. B.), colaboram no apostolado da Igreja junto aos estudantes.

Art. 2.º — A JEC e JECF, cooperando na missão dos educadores, pela participação consciente e ativa do educando na obra de sua própria educação, visam a restaurar o Reino de Deus no meio estudantil, isto é, a ajudar os estudantes a compreenderem e a viverem intensamente seu dever de estado.

Sócios.

Art. 3.º — A JEC e a JECF admitem três categorias de membros:

— **jecistas** — estudantes que, tendo aceitado a linha do movimento, a êle aderem e seguem sua orientação;

- **militantes** — jecistas que tomaram consciência de sua responsabilidade cristã, despertaram para os problemas de seu meio e aí exercem influência;
- **dirigentes** — militantes que assumem cargo de direção nos planos colegial, e (Arqui) Diocesano, Regional e Nacional.

Método: Formação, Ação e Penetração.

Art. 4.º — A formação dada pela JEC e pela JECF, a ação de seus membros e a penetração no meio estudantil não são etapas sucessivas mas simultâneas.

Art. 5.º — A conquista de um novo membro se processa normalmente:

- a) pelo trabalho pessoal do militante que tem influência sobre êle;
- b) pela sua participação nas atividades do movimento: assembléias gerais e populares, campanhas e serviços;
- c) pelo apóio e orientação contínua do militante, do Assistente, do Adjunto ou Adjunta, levando-o a conhecer o movimento e a tomar posição diante dêle.

Art. 6.º — Uma vez dada sua adesão ao movimento, o estudante torna-se jecista e sua formação se processa:

- a) através do trabalho pessoal do militante, agora mais profundo, procurando dar-lhe mais senso de responsabilidade jecista;
- b) pela sua participação mais ativa no movimento: reuniões, retiros, manhãs ou tardes de formação, acampamentos, assembléias gerais e populares, campanhas e serviços.

Art. 7.º — Como militante o jecista assume maiores responsabilidades no movimento e na sua equipe de influência, participa das Reuniões de Militantes, dos dias de estudos, retiros, manhãs ou tardes de formação, acampamentos e cursos; organiza assembléias, campanhas e serviços e dos mesmos participa.

§ 1.º — **Equipe de influência** — é o grupo natural do militante, sobre o qual êle procura exercer influência como cristão.

§ 2.º — **Reunião de Militantes** — é, por assim dizer, o motor da secção, porque forma militantes, impulsionando-os ao apostolado. Através do método VER — JULGAR — AGIR, os militantes trazem para, ela as observações que fizeram no seu meio, suas experiências, dificuldades e,

com ajuda mútua, encontram uma resposta cristã, uma orientação pessoal e para atuar eficazmente na sua equipe de influência e na massa.

§ 3.º — **Assembléias** — ajudam a penetração e a formação, desenvolvem a responsabilidade e o espírito de iniciativa dos militantes e jecistas. Assembléias gerais, realizadas regularmente, integram a vida da secção colegial, reunindo militantes, jecistas e simpatizantes. Visam a divulgar o assunto do programa, já aprofundado nos círculos de estudos por jecistas e militantes; a aproximar da JEC e da JECF os estudantes que estão sendo influenciados pelos militantes; a lançar a campanha do mês. Assembléia popular — dirige-se mais diretamente à massa, tendo a mesma finalidade das anteriores.

§ 4.º — **Campanhas** — são atividades transitórias que visam a transformar sucessivamente determinados aspectos da mentalidade estudantil.

§ 5.º — **Serviços** — são atividades de caráter permanente que respondem a uma necessidade do meio, visando a elevar o nível espiritual, moral, intelectual, social e material.

§ 6.º — **Dias de estudos** — são encontros de militantes para aprofundar os conhecimentos da técnica e mística jecistas, orientados pelos Assistentes e pelos dirigentes mais capazes. Êsses estudos partem sempre da realidade, de fatos vividos, para chegar aos fundamentos doutrinários e a resoluções bem concretas.

§ 7.º — **Retiros, manhãs ou tardes de formação** — são meios empregados para reforçar o sentido sobrenatural e apostólico da ação jecista.

§ 8.º — **Acampamentos** — são dias de estudos vividos em comunidade visando a completar a formação de militantes e jecistas, dando-lhes uma visão mais profunda da vida cristã e dos métodos e espiritualidade jecistas.

§ 9.º — **Cursos** — são séries de aulas que completam a formação do militante.

Art. 8.º — Os dirigentes recebem maior formação através de reuniões, dias de estudos, acampamentos e cursos especializados, de acôrdo com a responsabilidade nos vários planos do movimento.

Organização.

Art. 9.º — A A. C. estudantil — para estudantes do grau médio — se desdobra em JEC (Juventude Estudantil Católica) e em JECF (Juventude Estudantil Católica Feminina).

§ único — Por motivos psicológicos, a JEC e a JECF prevêem uma adaptação de seus métodos, de acôrdo com a mentalidade dos estudantes, especialmente para aquêles de 11 a 13 anos.

Art. 10.º — A JEC e a JECF são constituídas de secções colegiais, com diretorias próprias, subordinadas à diretoria da Federação (Arqui) Diocesana. As Federações (Arqui) Diocesanas podem se agrupar formando confederações regionais, de acôrdo com o art. 15.º letra “d”, dos Estatutos da A. C. B.

Art. 11.º — No plano Nacional a JEC e a JECF são constituídas pelas:

- Confederações Regionais;
- Federações Diocesanas isoladas;
- Secções Colegiais isoladas.

Coordenação.

No plano nacional.

Art. 12.º — A JEC e a JECF são dirigidas, no plano nacional, por uma Equipe de Direção e um Conselho.

A Equipe de direção se compõe de um ou mais Assistentes, presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e encarregado de serviços, que funcionam também como propagandistas, permanentes ou não.

O Conselho é formado pelo Assistente, presidente e vice-presidente de cada Confederação Regional.

§ 1.º — A vice-presidência compete especialmente a adaptação dos métodos e programas para os militantes de 11 a 13 anos.

§ 2.º — As Equipes de Direção, no plano Nacional, poderão também ter, a critério da Comissão Episcopal da A. C. B., Adjunto (a), como auxiliares imediatos do Assistente.

Art. 13.º — Os membros dessas Equipes de Direção são indicados pelo Assistente Nacional da JEC e JECF, apoiados pelo Conselho Nacional e nomeados pela Comissão Episcopal da A. C. B., nos termos do art. 14, § único dos Estatutos.

§ 1.º — Os dirigentes podem sugerir nomes aos Assistentes.

§ 2.º — Os dirigentes nacionais poderão ter, por motivos de conveniência, mandatos mais longos, a critério da Comissão Episcopal.

Art. 14.º — A Equipe de Direção Nacional é órgão executivo e o Conselho Nacional órgão deliberativo.

Art. 15.º — Cada Confederação Regional é dirigida por uma Equipe de Direção e um Conselho que funcionam nas mesmas bases da Equipe e Conselho Nacionais.

§ único — E' condição indispensável para a organização e funcionamento das Confederações Regionais o beneplácito da Comissão Episcopal da A. C. B. e dos Exmos. Ordinários interessados, conforme a letra "c" do art. 14.º dos Estatutos da A. C. B.

Art. 16.º — Sem prejuizo de sua autonomia, a JEC e a JECF procurarão salvaguardar a unidade da A. C. B.:

- a) articulando-se com cada uma das especializações, em particular, para estudo dos problemas de interesse mútuo;
- b) estudando em comum, com as várias diretorias das especializações para jovens, os problemas comuns a tôda juventude;
- c) encontrando-se periódicamente para oração em comum e revisão de influência com as diretorias das outras especializações.

No plano (Arqui) Diocesano.

Art. 17.º — E' condição indispensável para fundação e funcionamento da JEC e da JECF em uma (Arqui) Diocese a aprovação explícita do Exmo. Ordinário.

Art. 18.º — A Federação é dirigida por uma Equipe e um Conselho. A Equipe de Direção (Arqui) Diocesana é constituída por um ou mais Assistentes, presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, encarregado de serviços e conselheiro(s), permanentes ou não. O Conselho é formado pelas Equipes das Secções colegiais.

§ 1.º — Sendo a JEC e a JECF um movimento de adolescentes, por motivos pedagógicos é necessária a existência de um conselheiro nas equipes de Direção (Arqui) Diocesanas e colegiais.

§ 2.º — E' de grande conveniência que a JEC e a JECF tenham um adjunto (a) (Arqui) Diocesano, como auxiliar imediato do Assistente (Arqui) Diocesano.

Art. 19.º — As Equipes de Direção e os Conselhos funcionam nas mesmas bases das Equipes e Conselhos regionais e nacionais.

Art. 20.º — Os membros dessas Equipes de Direção são indicados pelo respectivo Assistente, aprovados pelo Conselho (Arqui) Diocesano e nomeados pelo Exmo. Ordinário.

§ 1.º — Os dirigentes podem indicar ao Assistente as Equipes de Direção.

§ 2.º — A nomeação do Adjunto ou da Adjunta é feita de comum acôrdo entre o respectivo Superior ou Superiora Provincial e o Ordinário da (Arqui) Diocese.

§ 3.º — A duração do mandato obedece ao § único do art. 15.º dos Estatutos da A. C. B.

§ 4.º — Os Conselheiros, a critério do Exmo. Ordinário, poderão ter mandato mais longo.

Art. 21.º — As Equipes de Direção nos colégios compõem-se de Assistente, Adjunta, conselheiro, presidente, secretário, tesoureiro, encarregado de Serviços.

Art. 22.º — Aplique-se à JEC e a JECF, em plano (Arqui) Diocesano o que se disse no art. 16.º, no tocante a plano nacional.

Finanças.

Art. 23.º — A JEC e a JECF, em planos nacionais e regionais, se mantêm:

- a) pelas contribuições dos Centros Diocesanos;
- b) por outras contribuições mencionadas no art. 28 dos Estatutos da A. C. B.;
- c) por doações de pessoas ou sociedades de direito público ou privado.

§ único — A contribuição das Equipes Diocesanas para o Nacional e Regional será fixada anualmente pelos respectivos Conselhos e deverá ser subtraída da mensalidade dos membros.

Art. 24.º — A JEC e a JECF, em plano diocesano, se mantêm:

- a) pelas contribuições das secções colegiais;
- b) por outras contribuições mencionadas no art. 29 dos Estatutos da A. C. B.;
- c) por doações de pessoas ou sociedades de direito público ou privado;

d) pelo fruto das tarefas a que se dedicar com finalidade de obter numerário.

§ 1.º — Da mensalidade dos membros das Secções colegiais deverá ser subtraída a contribuição para as Equipes Diocesanas.

§ 2.º — As secções colegiais reservarão parte da mensalidade de seus membros para a sua manutenção.

Disposições gerais.

Art. 25.º — A JEC e a JECF usam distintivo e bandeira próprios, fornecidos pela Equipe Nacional.

Art. 26.º — A JEC e a JECF têm oração própria e estão sob o patrocínio de São João Evangelista.

OBEDIÊNCIA E LIBERDADE NA VIDA RELIGIOSA

Alguns apontamentos teológicos

Pe. Jaime Snock C. Ss. R.

“Se o número daqueles... que querem entrar no jardim... da vida religiosa diminue, muitas vèzes deve atribuir-se isto ao fato de que parece duro demais despojar-se de sua vontade e renunciar à disposiçã de sua liberdade, como a natureza mesmo do voto de obediência o supõe”. Estas palavras, pronunciadas pelo Papa Pio XII por ocasião do Congresso dos estados de perfeição, bem focalizam o problema que queremos estudar: obediência e liberdade na vida religiosa (1).

Se a vida religiosa exige o sacrifício da liberdade pela obediência e se queremos formar a nossa juventude neste espírito, mistér se faz que os próprios educadores tenham amor a esta forma de vida. Sem amor não se transmite um ideal. Este amor será tanto mais profundo e contagioso, quanto mais compreendemos o sentido e a grandeza da obediência religiosa.

Na primeira parte dêste estudo tentaremos esclarecer o sentido da obediência religiosa, e na segunda parte mostraremos que esta obediência, longe de reduzir a liberdade, pelo contrário, leva à verdadeira liberdade dos filhos de Deus.

I — O sentido da obediência religiosa.

Os três conselhos evangélicos que constituem o estado de perfeição, enquanto distinto do outro estado dentro da Igreja, têm isto comum, que renunciam a certos valores naturais, que se realizam no outro estado: o amor inter-humano no matrimônio, a propriedade de bens, a livre disposição do seu destino. Tanto a renúncia como a realização dêstes valores estão a serviço do mesmo amor, no qual consiste formalmente a perfeição. E da renúncia diz o Tridentino que é o caminho melhor (D. 980). Como explicar isto?

Examinemos primeiro qual é o caráter próprio dêste amor perfeito no qual consiste a perfeição cristã. A caridade que foi infundida em nossos corações pelo Espírito Santo, e que nos santifica, inclui dentro do mesmo impulso Deus e as criaturas racionais na comunidade de salvação do Reino de Deus. Tem, portanto, um caráter teologal e eclesiológico. Enquanto teologal, terminando na própria vida íntima de Deus, possuído já em fé e esperança, transcende as dimensões dêste mundo, tem um caráter “sobre-mundano” ou “transcendente”. Enquanto temos a caridade “in Christo”, pela qual Deus reconciliou definitivamente o mundo consigo “no fim dos tempos”, tem ela uma plenitude própria ao “eschaton”, um caráter escatológico. Há mais: ainda tem ela um caráter cósmico. Quer dizer: os atos humanos, que têm por objeto um valor “intra-mundano”, podem ser transformados pela caridade, desde que vivemos no “eschaton”, no mundo restaurado, no mundo de novo aberto para o céu. A caridade, portanto, é teologal-eclesiológica, transcendente-escatológica, e é cósmica.

A caridade não é uma virtude ao lado das outras, ela abrange tôdas as modalidades da existência humana na graça de Deus, informa tôdas as virtudes. “Tudo quanto fizerdes...”. Segundo si mesma transcendente e espiritual, ela se manifesta e se exterioriza nos atos que têm um valor intra-mundano por objeto. Entretanto, êstes atos, justamente porque têm um sentido intra-mundano, nunca podem expressar, significar o caráter transcendente-escatológico da caridade.

Como a realização dos valores terrestres, assim também a renúncia aos mesmos deve ser explicada em função da caridade. Mas como? A abnegação como é cultivada no cristianismo não pode ser explicada pela ética natural. E' antes um escândalo. Para manter a harmonia no plano natural é suficiente a ascese (mortificação), a educação das paixões sob o império da razão. Mas isto está longe ainda da abnegação. Não existe uma oposição objetiva entre os valores intra-mundanos, a qual exigiria o sacrifício radical de um em favor de um outro. Por circunstâncias subjetivas, pode ser necessário sacrificar um para poder conseguir outro superior. Mas fora disso seria até imoral desprezar um valor natural. Não é para menos que a abnegação como ideal aparece praticamente só com Cristo. E' algo inerente a esta situação escatológica na história da salvação.

Como, então, pode a abnegação de valores naturais ser um meio para a caridade, se também a sua realização o é? A razão formal não pode ser a dificuldade inerente a tais renúncias, porque há coisas difíceis que não podem ser adotadas como pedra de toque, como expressão da caridade. A resposta definitiva também não pode ser o exemplo de Cristo, pois o teó-

logo pergunta: porque Ele escolheu a pobreza, a virgindade e a obediência? Porque estas coisas são aptas para realizar o seu amor ao Pai?

Podemos formular a seguinte resposta: a abnegação de certos valores naturais é um meio apto para a realização da caridade, porque, sendo que na ordem sobrenatural o centro de gravitação do homem foi deslocado para fora dêste mundo, onde Deus em si é o objeto imediato da caridade, nenhum valor intra-mundano pode expressar, significar êste caráter transcendente-escatológico. E' justamente pela abnegação de certos valores naturais que o homem manifesta, significa, confessa que o próprio Deus, sem intermédio de valores naturais, é o seu fim, que já possui em fé e esperança; confessa que, apesar de estar no mundo, não é do mundo. Confessa a absoluta supremacia de Deus, perante o qual empalidecem todos os valores naturais. Que podemos, lícitamente, adotar certas renúncias como expressão do caráter escatológico da caridade, é só por positiva vocação de Deus, vocação de caráter geral nos conselhos evangélicos, ou de caráter individual na vocação religiosa. Ninguém pode usurpar a abnegação para forçar a graça de Deus. O próprio desejo de seguir êste caminho, aliás, já é graça e vocação.

Digo que a abnegação é a expressão, a manifestação do caráter transcendente-escatológico da caridade, e podemos dizer até que é a única expressão possível e o único modo possível de viver a caridade sob êste aspecto. Isto não quer dizer que é a única forma de realização. Não, a mesma caridade se realiza tanto no uso como na renúncia dos valores naturais. Mas uma destas realizações significa e exterioriza um aspecto diferente: o uso manifesta e só pode manifestar seu caráter cósmico, a renúncia o seu caráter escatológico.

Assim se compreende que dentro da Igreja a caridade, que é sua íntima essência (além da sua exteriorização sacramental, pela qual o homem é implantado ontologicamente na morte de Cristo, também no plano existencial-moral) requer a expressão visível do seu duplo caráter, o escatológico e o cósmico, nos dois estados. Um não pode existir sem o outro (2). Compreende-se também que o caráter jurídico quer dizer que

2 — O estado religioso é melhor não formalmente porque os meios são melhores, mas porque expressa aquilo que é melhor na caridade. Per accidens, enquanto obriga o religioso a ser de verdade o que simboliza, será também o meio melhor, criando uma nova obrigação. Evidentemente não se nega que também no outro estado deve haver abertura para a abnegação e momentos de realização efetiva, sem entretanto levar ao estado de abnegação: "ad tempus" e "in Domino" como diz São Paulo com relação ao matrimônio.

o mandato da Igreja, autorizando os religiosos para testemunhar publicamente pelo seu estado o caráter escatológico da caridade, não é algo acidental, mas elemento constitutivo dêste estado.

O não ser dêste mundo, apesar de estar no mundo, simbolizado pela renúncia profissional do estado religioso, permite ainda graus dentro do próprio estado de perfeição, à medida que determinada família religiosa está mais ou menos enfronhada nas realidades terrestres. O mais voltado para êste mundo é o instituto secular, mas por isso mesmo seu testemunho é o mais chegado. A mais estranha ao mundo e a mais voltada para o éschaton é a Cartuxa, tão estranha que sua regra não precisa de adaptação, não é atingida pelas vicissitudes da cultura e da história. Mas por isso mesmo seu testemunho é o mais eloquente, o mais “escandaloso”.

Até agora tentamos desvendar o sentido teológico da renúncia enquanto comum aos três conselhos. Restam-nos alguns apontamentos sôbre o sentido específico da obediência religiosa, como sacrifício da liberdade.

A obediência que o religioso procura, é muito mais do que apenas algo inerente a qualquer sociedade humana, seja qual for seu fim (in casu: a aprendizagem na vida espiritual e a eficiência do apostolado). Nem tão pouco é idêntica com a “obediência fidei”, pela qual todo cristão se submete à autoridade eclesiástica. Esta obediência deixa àqueles que são chamados pelo batismo para realizar a caridade nos próprios valores intra-mundanos (e deve deixar) ampla liberdade e autonomia na construção da cidade de Deus nesta terra. E’ verdade, aqui também cada um tem o seu lugar, a sua “vocação” — profissão, que se manifesta através das causas segundas, uma vocação que pode ser “testada”. A autodeterminação, embora necessariamente limitada pelas estruturas sociais, é para o cristão no mundo um alto valor, indispensável para o seu estado, inerente à encarnação da graça nas realidades terrestres que êle deve realizar em virtude do seu batismo. Mas neste tipo de vida, por mais impetuosa que seja a caridade que a inspira, mal se reconheceria a radical heteronomia da vida de Cristo, pela qual dependia a cada momento da vontade do seu Pai, sem ter onde reclinar a cabeça (Mt 8,20). Devido a sua missão de Redentor: restaurar a absoluta supremacia de Deus sôbre quaisquer valores terrestres, não só renunciou às riquezas e ao matrimônio (simbolizando o amor nupcial entre Deus e o gênero humano) mas ainda sacrificou qualquer livre disposição sôbre o seu destino de vida, colocando-se para qualquer decisão, desde a sua entrada no mundo (Hb 10,79) até o, “consummatum est” debaixo do “thelema” do Pai. Portanto: não apenas uma renúncia ao lado das duas outras, mas

não por ser menos exigente nos seus postulados, mas por causa da espontaneidade com que o cristão a cumpre, ou melhor Deus a cumpre nêle. Por isso o seu jugo é suave. E' esta a liberdade dos filhos de Deus. Nem tão pouco a esta liberdade se opõe a obediência. Pelo contrário, a obediência é o élo necessário entre a vida teologal e a vida religioso-moral. Sem caridade a obediência seria de novo uma escravidão, mas brotando da caridade transforma os valores intra-mundanos em religiosidade, transforma tudo em vida teologal. A caridade cristã necessita da obediência e vice-versa. Alfa e Omega de ambas é o próprio Deus.

Convem lembrar, neste contexto, o grande princípio da teologia da obediência, segundo o qual tôda autoridade vem de Deus. E' por isso que a obediência, qualquer que seja a comunidade onde é praticada, tem necessariamente um caráter religioso. Se não podemos considerar o detentor da autoridade como substituto puro e simples de Deus, verdade é, que é intermediário entre a vontade de Deus e nós. Através do "sacramento" das leis e dos superiores obedecemos ao próprio Deus. Igualmente convém lembrar que a obediência em hipótese alguma dispensa o súdito do uso da prudência. O ato realizado sob obediência não é menos ato humano e, por conseguinte, ato livre.

Tudo isto é verdade e é muito útil refletir sobre isso. Entretanto, existe um **estado** de liberdade e um **estado** de obediência e submissão. Não seria, por acaso, o primeiro muito mais de acôrdo com a liberdade evangélica? A renúncia ao estado de liberdade não será um voltar à lei antiga?

Tôda liberdade supõe renúncia. O homem nasce determinado em tudo tanto na sua própria constituição psico-somática, como no seu ambiente. Espiritualidade e liberdade nêle são apenas uma potência. Aos poucos vai conquistar sua liberdade. Num processo lento vai tomando "atitude" perante si mesmo e sua situação, decidindo, afirmando ou negando. Mas isto supõe um distanciar-se de si mesmo, um tomar a si mesmo como objeto. Só assim pode decidir livremente e, eventualmente, afirmar espontaneamente o que lhe foi imposto. A renúncia está assim à base de tôda liberdade, de tôda decisão. Podemos ilustrar isso com um pequeno exemplo da psicologia do adolescente. Se na infância o amor aos pais era muito afetuoso e pouco livre, o adolescente se distancia, julga, critica, e o resultado será, normalmente, um amor mais profundo e mais livre perante êste determinismo, que foi vencido pela renúncia. O homem que adquire uma certa fortuna, conquista uma certa liberdade econômica, mas interiormente, talvez, seja escravo daquilo. Mas aquêle que renuncia íntimamente a tôdas as condições materiais, adquire um certo domínio sobre elas: "pos-

uma que as engloba e supera; é, por assim dizer, um corte no centro nervoso superior, afetando não apenas uma ou outra função, mas a tôdas elas (3). É uma renúncia que envolve até a própria vida "obediens usque ad mortem", mas que ao mesmo tempo, de um modo mais direto do que as duas outras, esvazia o coração, para ser enchido por Deus. É, por assim dizer, a renúncia "simpliciter", mais do que as outras apropriada para expressar o caráter transcendente da caridade e a absoluta supremacia de Deus.

O convite de Cristo para seguir nas suas pegadas tinha, já nos Evangelhos, um sentido metafórico, espiritual, significando a obediência da fé de modo geral, sem querer tirar todos das suas barcas e redes. Mas tinha também, para alguns, um sentido estrito e literal: a absoluta e completa solidariedade com a missão redentora de Cristo: "omnia reliquimus et secuti sumus te". "Faciam vos piscatores hominum" (4).

Nêste modo de pensar é evidente que a obediência, como também os outros conselhos, são atitudes de caráter essencialmente contemplativo-místico: passar por cima de certos valores terrestres para aderir direta e totalmente a Deus, uma completa "exinanitio (kenosis) propter regnum Dei". Entretanto, tais atitudes são necessariamente também apostólicas. Para isto basta lembrar que a própria morte de Cristo foi ao mesmo tempo ato extremo de "kenosis" por amor supremo ao seu Pai, passagem (pascha) mística dêste mundo ao Pai, mas também ato extremamente apostólico e redentor: "Por êles me sacrificio a mim mesmo, para que êles também sejam consagrados em verdade" (J 17, 19). Assim o estado de perfeição, por causa de sua noite mística de abnegação, é necessária e autenticamente também apostólico. Não há oposição entre obediência monástica e apostólica-hierárquica. Aliás, não somente o apóstolo por excelência, São Francisco Xavier, mas também a grande mística de Lisieux foi proclamada padroeira das missões.

A recepção das ordens e o exercício efetivo da caridade apostólica realizam um enxerto especial da vida religiosa na hierarquia, além do aspecto jurídico-público que já qualificamos como elemento constitutivo do estado de perfeição. Esta nova modalidade deixa intacta a própria mística da obediência religiosa. O religioso é o obediente profissional e não precisa de um fundamento direto na hierarquia nem de um voto especial (5).

3 — Também a obediência, sob determinado aspecto, pode ser chamada a forma virtutum. Cajetanus in II - II, q. 104, a. 3, n. 1).

4 — Cfr. C. Sncek, De idee der gehoorzaamheid in het Nieuwe Testament. 1952 p. 26-28.

Resumindo esta primeira parte podemos dizer que a obediência religiosa, na sua essência mais profunda e como elemento mais formal do estado de perfeição, é a radical renúncia à livre disposição de si mesmo, expressando a absoluta supremacia de Deus e o caráter transcendente-escatológico da caridade dentro da Igreja. Ao que nos parece, não é nem o "remedium concupiscentiae" contra o orgulho, nem a necessária escola de perfeição, nem a eficiência do apostolado que justificariam tal desprezo da liberdade. Tudo isto pode entrar, mas o elemento formal pode ser só aquêle que indicamos.

II — A obediência e a liberdade dos filhos de Deus.

Antes de ser uma possibilidade não pré-determinada de escolha entre vários bens particulares, a liberdade é experimentada como impulso espontâneo e desinteressado para o bem, como expansão do amor e realização do seu próprio ser. Verdadeira liberdade é liberdade para o bem. Sendo que a lei é a expressão do bem, não há oposição básica entre liberdade e obediência. Lei e obediência supõem justamente a liberdade.

Isto já é uma conclusão importante. Embora na periferia coarctando a liberdade de eleição, a obediência ao mesmo tempo educa para o bem, para aquela liberdade mais profunda que é o amor para o bem e a realização do ideal humano.

Se a lei de Moisés era sentida como uma escravidão, um jugo, era isto porque o ideal que formulava não era alcançável por causa da fraqueza moral do homem. A plenitude e a novidade da Nova Lei consiste justamente no dom sobrenatural da caridade, que, sobrepujando o impulso do amor natural e terminando no próprio mistério de Deus, eleva tôda moralidade e cumpre tôda a lei, que perdeu o seu estímulo de provocação. A Nova Lei, a lei interior da graça e do Espírito Santo, é a lei da liberdade, *sidebunt terram*"; "tamquam nihil habentes et omnia possidentes". Assim,

5 -- Há duas tendências: uma quer fundar a obediência religiosa diretamente na hierarquia. Se não me engano é a mesma tendência que leva alguns autores a identificar a "potestas dominativa" com a "potestas iurisdictionis". Cfr. MOGENET SJ. R. A. M. 27 (1951) 75-95; DELCHARD SJ, N. R. Th. déc. 1952, citado por BONDULLE na Vie Sm. Suppl. 1953 p. 310; LARRACONA, Acta Congressus Internationalis Romae 1934. vol. IV Romae 1939. Outros defendem o caráter essencialmente carismático da obediência religiosa, com apenas indireta dependência da hierarquia: ROUSSEAU O. S. B. Vie Spir. Suppl. 1953 p. 283 - 298, KINDT C. Ss. R. ib. p. 345; BONDUELLE O. P., 1. c. SCHILLEBEECKX. Tijdschr. Geest. Leven, 9 (1953) p. 444-446.

pelas renúncias, a liberdade interior vai conquistando sempre novos setores da existência humana, soltando as asas do amor. Quem quer a liberdade absoluta, a ascensão direta a Deus, deveria, neste modo de pensar, distanciar-se não apenas de tal ou tal coisa, mas deveria voltar quase ao "ex nihilo" da criação; deveria renunciar não só a isto ou àquilo que tem, mas deve renunciar àquilo que é, renunciar a si mesmo. Foi com esta suprema liberdade que Cristo dispunha da sua vida: "ninguém a tira de mim"; mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a retomar" (J. 10, 18). E foi isto que pediu dos seus seguidores: "abneget semetipsum", uma fórmula que ainda ninguém tinha empregado. Trata-se de uma nova realidade.

Entretanto, tais tentativas de libertação por desprezo das realidades terrestres, não passariam de orgulho disfarçado, se não fossem feitas a convite do próprio Cristo e se não fosse Ele que nos ajuda pela sua graça, quem nos espera ao outro lado da renúncia. "Qui vult venire post me". Não é uma injunção. É um convite. "Sequatur me". A renúncia cristã é personalista, é um diálogo de amor entre o homem e Deus. Assim compreendida e vivida realiza a maior liberdade interior possível.

É este o paradoxo dos estados de perfeição: pela renúncia efetiva de algumas "liberdades" periféricas no voto de pobreza e castidade perfeita, pela renúncia da "liberdade" tout court pelo voto de obediência, o religioso, aparentemente preso, goza da verdadeira liberdade escatológica dos filhos de Deus (6).

6 — As idéias principais deste estudo devemo-las a três artigos: — K. RAHNER S. J., *De theologische zin van de christelijke onthechting*, *Tijdschr. v. Geest. Leven* 9 (1953) 480 - 496. H. SCHILLEBEECKX O. P., *De evangelische raden*, *ib.* p. 437 - 450 — A. GAULTIER - SAGERET S. J., *Analyse de l'abnégation chrétienne*, *Rev. Asc. Myst.* 33 (1957) 3 - 33. Outras publicações consultadas (em ordem cronológica): S. THOMAS, *Summa Theol.* II - II, q. 104, 105, — 186. DANIELOU, S. J., *Les conseils évangéliques et les aspirations des jeunes*, *Vie Sp.* 78 (1948) 660-674. Vários autores em: *L'obéissance et la religieuse d'aujourd'hui*, Paris 1951. C. SNOEK C. ss. R., *De idee der gehoorzaamheid in het Nieuwe Testament*, Nijmegen, 1952. P. TH. CAMELOT O. P., *Obéissance et liberté*, *Vie Sp.* 86 (1952) 154 - 168. JOURDAIN BONDUELLE O. P., *Le pouvoir dominatif des supérieurs religieux*, *Vie Sp. Suppl.* 1953, 299-339. A. M. HENRY O. P., *Obéissance commune et obéissance religieuse*, *ib.* 249-282. O. ROUSSEAU O. S. B., *Obéissance et hiérarchie d'après l'ancienne tradition monastique*, *ib.* 283-298. A. de BOVIS S. J., *Obéissance et liberté*, *Nouv. Rev. Théol.* 77 (1955) 282-299. H. BODDEKE C. ss. R., *De christelijke vrijheid bij Sint Paulus*, *Ned. Kath. St.* 52 (1956) 126-144. C. A. J. van OUWERK C. ss. R., *Vrijheid en wet*, *Ned. Kath. St. ib.* 144-151.

RECRUTAMENTO DE VOCAÇÕES FEMININAS

Mãre Maria Denice de Carvalho R. S. D.

Na Revista francesa "Vocations Sacerdotales et Religieuses", de julho de 1956, lê-se as reflexões de uma Mãe, diante da vocação de religiosas. Ela comenta as opiniões de sua filha mais velha, que tendo passado as férias entre as Irmãs, ouviu do capelão opiniões desfavoráveis sobre suas mestras. Pouco depois, a menina fazendo um passeio com a cura e sua mãe, voltou encantada e confidenciou à sua genitora: "como me sentiria feliz de ser Mãe de um padre! Mas... ser uma simples irmã, jamais!...". Diante da indignação materna, ela continuou: "Mamãe, no mundo da política, das ciências, das artes, dos esportes, a mulher desempenha um papel honroso; porém aquela que se consagra a Deus, perdeu a estima da sociedade e até de muitos padres...". E corroborou a sua assertiva dizendo que duas moças de seu conhecimento, entradas no convento há dois anos, tiveram o silêncio ao redor delas. Nem o pároco pediu orações por elas...

E aquela Mãe (profundamente cristã, devia ser!) reconhece que não se apresenta a vocação religiosa em tôda a sua beleza, diante das jovens. Parece que pelo seu silêncio, o pregador julga hoje em dia menos bela a vocação de nossos antepassados? Quem se oferecerá a exemplo de Santa Teresinha do Menino Jesús pela santificação de nossos Sacerdotes? As Mães dos Sacerdotes, são louvadas e incensadas no púlpito... e não há uma palavra para a Mãe da religiosa que vê sua filha transpor definitivamente o limiar do lar paterno? Por que a 21 de novembro, quando nas paróquias, os sacerdotes, renovam suas promessas clericais, não há uma intenção especial pelas religiosas que renovam seus votos em suas comunidades? Por que na festa das Mães, não há — quando se celebra o Santo Sacrifício — por aquelas que têm a maternidade espiritual, uma intenção? Quando o pregador no dia do encerramento do mês de Maria, ou do Retiro Espiritual, diante dos agrupamentos femininos, pediu a Rainha dos Céus, que chamasse algumas daquelas jovens para formar sua côrte virgi-

nal? Por que ainda esta questão não é abordada durante o Retiro das Mães Cristãs que tanto ignoram este assunto?

E ela apresenta ainda um farto arrazoado do silêncio sobre a magnitude da vocação da parte de quem saberia expor a grandeza e a beleza da consagração religiosa. Eis o porque da jovem na depreciação da vocação religiosa. Certamente, ela jamais ouvira falar em tão sublime assunto.

E já São Paulo dizia: "Como poderão ouvir se ninguém lhes prega?" (Rom. X, 14).

I. VOCAÇÃO

Vocação é graça de Deus, graça especialíssima. Deus é quem chama e é Ele ainda quem dá a generosidade e a fôrça para responder afirmativamente ao seu convite. Ele é quem sustém as almas a Ele consagradas, levando-as a mais alta santidade. Mas, todos nós, não fomos chamados à vida perfeita, à santidade? "Somos todos chamados a uma vida à salvação eterna, temos uma vocação para a eternidade. Deus quer que todos se salvem" (1.^a Tim. 1,4). "Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação" (Tessas. 4 — Rom. 3). Sim, este convite foi feito em sentido geral. Vocação em sentido particular, consiste em:

- desejar,
- ser aceito,
- ter os dotes.

Portanto, toma-se por base da existência ou não de um "verdadeiro chamamento", por parte de Deus, para a vida religiosa, estes três itens:

- havendo desejo sincero, o que supõe reta intenção por parte da candidata.
- aceitação por parte do legítimo superior (representante de Deus).
- existência dos dotes necessários para a vida religiosa.

As moções internas — fazendo a candidata ver a felicidade da vida religiosa, as inspirações da graça, etc., não são base sólida para decidir-se sobre uma vocação. Os chamamentos extraordinários, principalmente em corações juvenis e corações femininos (tão fáceis de entusiasmo), podem originar-se de inclinações puramente naturais.

Surge então a pergunta: se a vocação é uma graça outorgada por Deus, e nenhum de nós pode conferir a graça, como recrutar vocações?

Não se tome recrutamento em sentido de recrutar vocações, nem tão pouco alistamento, mas colaboração com o Espírito Santo, por assim dizer, um vêz que somos apenas causas instrumentais e só Deus a causa principal, eficiente, no chamamento de uma alma para seu divino serviço. A vocação religiosa é um dom gratuito do Espírito Santo, ninguém discute isto. Mas, admitindo nossa vontade livre, temos que supor a vocação que nos vem pelo ensino (pregado e sobretudo vivido). Há em nossos dias, uma necessidade imperiosa de recrutamento, ou seja "de uma campanha de opinião", a favor da vida religiosa.

Para tal campanha ser eficaz, deve-se atender a pontos essenciais. Criar um clima que seja antídoto contra o laicismo do ambiente em que vivemos e apresentação concreta e não imaginária do que é realmente a vida religiosa.

Sua Santidade o Papa Pio XII gloriosamente reinante, na "Sacra Virginitas", depois de "alegrar-se por ver que nestes tempos difíceis que a Igreja atravessa, ainda a virgindade floresce no mundo inteiro, como outra, rodeada de estima e honra, não oculta que uma certa tristeza se mistura com esta alegria por ver que vai diminuindo em vários países o número dos que chamados por Deus abraçam a vida da virgindade". Pois bem, aqui está o ponto nevrálgico da questão. Recruta-se, não para conseguir vocações, mas sim, para fortificar a vocação daquelas que foram chamadas por Deus, para que não fraquejem, e, sim abracem realmente a vida religiosa. (Esta referência se aplica, não aos meios essenciais de recrutamento, mas sim, às técnicas atuais). Se são muitos os chamados, e poucos os escolhidos, também entre os escolhidos há os que fracassam por não contar com o apóio, a ajuda, o incitamento, um empurrão...

II. ESCASSEZ DE VOCAÇÕES

Mas, por que recrutamento? Então há escassez de vocações.

Se se pensa em lançar mão de técnicos, processos antigos e modernos para ver mais povoados os nossos conventos, é sinal de que rareiam as vocações femininas. Não haverá muita vocação perdida? Foi o próprio Santo Padre que assinalou o perigo da crise mundial das vocações femininas. Na crise mundial, não é igual em tôda a parte o índice de escassez (Congresso de Religiosos). E' comum a queixa das Madres Superiores,

dos Revdos. Curas, por não possuírem pessoal suficiente para atender às obras de misericórdia. Para satisfazer os pedidos insistentes das autoridades, as Madres Superiores mantêm certas casas, diminuindo o número das religiosas ou sobrecarregando as já tão sobrecarregadas.

A) O porque:

Um eclesiástico, com muito acêrto, e vários fazem côro com êle, aponta:

a) **Diminuição da fé e do espírito de sacrifício** nas famílias, e jovens, mesmo entre as que aspiram a uma vida mais perfeita. Concorrem para tal: o laicismo, o mêdo do esfôrço, o abuso do confôrto, o espírito de burguesismo, a vida superficial.

b) **Falta de adaptação de certas congregações religiosas às necessidades dos tempos atuais.** Há religiosas, que se gloriam dos costumes do sec. XII e XVII. Monsenhor Ancel diz que a adatação é efetivamente uma forma de fidelidade, enquanto que, o imobilismo, a imutabilidade dos costumes, é uma forma de infidelidade.

c) **Insistência indiscreta sôbre o matrimônio.** Documentos eclesiásticos atuais referem-se à propaganda excessiva e desarrazoada da espiritualidade legítima do matrimônio cristão. Absolutamente, não se deve diminuir a grandeza dêsse sacramento, nem a sua beleza e riqueza santificadora. Mas, a reação tende a ultrapassar o ponto de equilíbrio. Um autor eclesiástico em "Padre Apóstolo", de 1950, menciona a opinião de um vigário: "a recristianização dos lares será feita através dos lares cristãos. O casamento é um dever. E dever por excelência. Entrar hoje em religião é um êrro. Nós não precisamos das boas Irmãs...".

d) **Ignorância sôbre a verdadeira noção do estado religioso.** Ao lado daqueles que o repelem, por tolice, por sectarismo, há os que, também numerosos, o desdenham por idéias errôneas sôbre sua essência e autoridade.

B) Remédios para êsses males:

a) **A existência de religiosas santas.** Santas que façam milagres... testemunhos vivos, autênticos de um cristianismo evangélico, fermentos na massa. Enviai-nos São Francisco Xavier e a Índia se converterá, disse um indú a Monsenhor de Soleges...

b) **Ação junto às famílias.** O Senhor chama a quem Ele quer. Mesmo aquêles que no meio familiar não tinham predisposição para o seu chamado. Paradoxos divinos que testemunham a absoluta liberdade dos filhos de Deus. O lar, normalmente, deveria ser favorável à eclosão das vocações, por um clima de vida autenticamente cristã, de modo que, os filhos pudessem corresponder à vocação.

c) **Catequese bem feita.** Há crianças superiormente dotadas, que Deus queria só para Ele, mas, não chegam a percebê-lo, por causa da superficialidade da fé, ou falta de esforço e de sacrifício. A catequese não passou de um ensino verbal, livresco e formalista.

d) **Adaptação — Maleabilidade.** A Santa Sé faz, no momento, um grande esforço para valorizar as diferentes famílias religiosas. Sem uma adaptação, pouco se fará. Mas, se a adaptação se confunde com mitigação... menos se conseguirá ainda. Aquela, diz Monsenhor Ancel, só, pode ser cumprida no fervor. Evite-se o conservativismo, continuando a fazer o que sempre se fez e o outro extremo: abandonar todos os costumes. Aprofunde-se o espírito do fundador. Assim a adaptação seguirá as diligências do amor e da fidelidade.

e) A literatura contemporânea, parcialmente também a católica, está supervalorizando o estado matrimonial acima do estado religioso, como se o primeiro fosse um estado mais adequado do que o segundo para desenvolver plenamente a personalidade. É preciso protestar contra isto, como Pio XII o faz na "Sacra Virginitas". Embora haja na natureza de cada homem uma inclinação fortíssima para a vida sexual e conseqüentemente para o matrimônio e embora todo ser humano, contanto que ele seja normal, sinta esta inclinação, de tal forma que nem a vocação religiosa a aniquile, contudo não constitui o estado matrimonial um meio mais adequado do que a vida religiosa para desenvolver plenamente a personalidade. Pois, o estado religioso abre possibilidade em um plano superior, renunciando ao matrimônio, em plena consciência e plena liberdade, por ser uma entrega mais exclusiva, total e definitiva a Deus e ao apostolado. É esta entrega que constitui o supremo desenvolvimento da personalidade humana. Não só por falta de estima para a vocação religiosa, mas praticamente uma verdadeira ignorância sobre a noção fundamental e um desconhecimento da permanente atualidade. A vida religiosa não é um "refugium peccatorum", não é um preventório de medíocres, nem asilo para desesperadas, frustadas, nem mesmo uma organização de serviços sociais. Não se deve também considerar unicamente sob o ponto de vista econômico, das vantagens que apresenta para a Igreja, mesmo para a humanidade.

A realidade essencial da vida religiosa não deve ser velada pelas vantagens materiais: serviço social, lavanderia, cozinha, ornato das Igrejas, etc. O que caracteriza, e constitui o elemento distintivo da vida religiosa, é a **oblação** definitiva, total e oficial, de tudo o que se é — pelo voto de castidade; de tudo o que se tem — pelo voto de pobreza; de tudo o que se faz — pelo voto de obediência.

f) A esta altura, vejamos algo sôbre a situação canônica da religiosa — O ideal da religiosa, é o que a Igreja lhe propõe e está definido em seus elementos essenciais no can. 487 do Cod. D. C.: o "estado religioso, estado de vida comum no qual os fiéis, além dos preceitos comuns, pelos votos de O. C. P. propõem-se a observar os conselhos evangélicos". Deve ser tido em alto conceito. O can. 487 estatui que a religiosa, como todos os fiéis, deve primeiramente praticar os preceitos comuns, tôda a moral. Muitos manuais e obras de espiritualidade, referem-se apenas aos 3 votos. E' uma grave lacuna, diz o autor. Uma religiosa é primeiramente uma cristã, cristã que se dedica públicamente à prática do evangelho. A religiosa é uma profissional da vida evangélica. Os conselhos se resumem no primado interior e na liberdade espiritual e eis a que está votada especialmente a religiosa. Assim a obediência religiosa é uma escola de liberdade sobrenatural. A Religiosa deve levar a tarefa apostólica ao mundo, o que parece um paradoxo diante das palavras do evangelho: "Vos não sois do mundo, porque minha escolha vos tirou do mundo" (João XV, 19 — 17,6). A Igreja confia à religiosa um mandato oficial, na assistência espiritual e temporal do próximo.

III. TRÊS GRANDES MEIOS DE RECRUTAMENTO

A) A vida litúrgica

A Liturgia não é lugar, nem objeto, nem paramento, nem coisa semelhante alguma, ela é vida; vida que se origina do Pai pelo Filho no Espírito Santo e está tôda voltado para a mesma SS. Trindade. Ela é a vida da própria Igreja, seu culto público, sua atuação medianeira, através de Cristo, em face de Deus e em face dos homens. Mediação ascendente, pela qual a Igreja faz suúbir até Deus o nosso culto público, particularmente pelo sacrifício da Missa; mediação descendente pela qual ela faz descer sôbre nós as graças divinas, particularmente pelos sacramentos, cujo centro é a Eucaristia. Por esta mediação, exercida pela vida cultural da Igreja, constitui a Liturgia o encontro vital entre Deus e nós, encontro êste que alcança

seu ponto culminante no sacrifício e sacramento eucarísticos que, conseqüentemente, hão de ser o centro da piedade cristã e o clima da alma consagrada a Deus.

Caminhemos ao lado dos Papas Pio X, Pio XI e Pio XII que nos abriram horizontes solicitando-nos para vivermos mais conscientes e intencionalmente a Sagrada Liturgia.

É sem dúvida uma participação mais pessoal na S. Missa, que está no centro da renovação da piedade litúrgica e há de culminar em um ato pessoal de sacrificar-se, de entregar-se sem reserva, a Deus, como Cristo e através d'Ele. Uma assistência à Missa que não involvesse este ato, não corresponderia às intenções da Igreja e de Deus. Há vários métodos para aproveitarmos plenamente a nossa Missa cotidiana, métodos que, conforme afirma Pio XII na "Mediator Dei", podem variar de pessoa para pessoa, e para a mesma pessoa de dia para dia: a oração do terço com meditação afetiva do mistério do Calvário, a oração mental unindo-nos ao ato sacrificial de Cristo, o uso de um bom livro de piedade que nos conduz progressivamente ao ato de entrega total a Deus, através de Cristo, finalmente o uso do Missal, seguindo total ou parcialmente o formulário, obrigatório para o celebrante. Este último método foi promovido de modo particular, desde o início deste século, pelo movimento litúrgico, iniciado por S. Pio X, que nos solicitou: "Na Missa, rezar a Missa". Cumpre, porém, notar, para evitarmos qualquer equívoco, que o único essencial em todos estes métodos é, não o acompanhar o celebrante no altar, mas o acompanhar a Cristo na Cruz no seu ato de se sacrificar inteiramente ao Pai.

O veículo externo das graças são: a doutrina falada — a palavra de Deus e os símbolos.

Fecundidade — A santidade recebida pelo sacramento não há de ficar estéril em nosso coração. A Santa Missa se refere a tôdas as necessidades de nossa existência; a Sagrada liturgia dá ao espaço e ao tempo um cunho sagrado. A Igreja santifica pela oração, tôdas as partes do dia. Quer a Igreja que louvemos a Deus e O sirvamos a cada momento de nossa vida. Quer mais: que a nossa vida se passe em espírito de oração e de união com Deus. Para nos ensinar a santificar cada momento e para santificar objetivamente todos os momentos de sua vida, a Igreja introduziu as **Horas litúrgicas**. A Igreja ensina praticamente a dar um cunho sagrado à vida. O dia todo deve ser passado em oração, em espírito de oração, fazendo a vontade de Deus. A Igreja nos convida ainda a combater a laicização, a profanação da vida, atingindo a **organização do ano**. Ela nos con-

vida a concentrar nossos pensamentos, sentimentos, em determinados mistérios fundamentais da fé, em certas épocas do ano, e a ponderá-los com mais vagar, deduzindo as conseqüências práticas para a vida. Estejamos atentos aos tesouros encerrados no Ano Eclesiástico. Basear nossa piedade nos dois grandes mistérios: Encarnação e Redenção que têm seu paralelo no sacramento e sacrifício eucarísticos. Os frutos perenes da Encarnação e Redenção, a Igreja os espalha durante todo o ano nas maravilhosas festas da **Santíssima Virgem** (ciclo marial) e na festa dos Santos (ciclo santoral). Tôdas as festas do Senhor, giram em tórno da Encarnação e Redenção (temos o ciclo temporal). Cada uma das solenidades nos aponta Jesus Cristo fonte de tôda a santidade, e nos fala com a linguagem insinuante do exemplo: "eu fui como tu és; porque não és como eu fui?".

E assim, o **Ano Cristão** passa a ser um benefício de Deus. O ano cristão não deve ser apenas uma série de acontecimentos que se rememoram, mas sim o nosso **Reencontro Vital** com os **Mistérios da Fé**. A Igreja pede ainda mais, e mais ainda nos oferece. O **Domingo** há de ser um dia de vida intensamente sobrenatural. O nome latino é um programa: **Dies Dominica**. Os dias santos devem ser a afirmação robusta da fé no sobrenatural. Nada de rotina. Assim vivendo, sentimos na casa religiosa o verdadeiro sentido da **Ekleisia** — da família de Deus. Atender ao sentido dos objetos do culto: a luz, a vela, a água, o sal, o óleo. O órgão. Os gestos: ficar de pé, bater no peito, ajoelhar-se, sentar-se. Silêncio. Formar ainda a nossa mentalidade católica: Papa, Bispos, Padre, Igreja Universal, Arquidiocesana, Paroquial. Por fim: ao **Ite Missa Est**, estar compenetrado de que começa o apostolado, que antes de tudo é a glória de Deus, a salvação das almas e conseqüentemente a santificação pessoal. Só assim, a nossa resposta: *Deo gratias*, será uma resposta sincera, plena de total alegria. Procuremos ter esta mentalidade através do órgão vivo da Igreja. "Igreja mistério de presença e de estabilidade. Presença — de Deus no meio dos homens por Cristo e pelo Papa. Estabilidade — e segurança na escola de Pedro que é doutrina do Papa. Que o fulcro de nossa catolicidade seja a Igreja". A piedade litúrgica como vimos, insubstituível, intensa e consciente, efetiva e afetiva, diária e de cada momento, deve impregnar todo o nosso viver. Que a nossa vida religiosa se estribe numa vida cristã e religiosa (extensa — abrangendo tôda a doutrina da Igreja); profunda (penetrando todo nosso sêr); íntegra (catolicidade de "credo" e de "mandamento"). Assim, nos sentiremos atraídos a realizar a universalidade do reino de Deus. Pelo apostolado litúrgico e por causa d'êle mesmo, encontraremos alimento substancioso não só para conservar intácto, senão para sempre crescer e

aperfeiçoar o amor à vida religiosa. Quanto mais nos compenetrarmos desta missão que Deus nos deu, maior repercursão o Batismo, a Crisma, a Profissão Religiosa, terão em nossa vida e mais veemente será o impulso com que o Espírito Santo nos impelirá para a santidade e o apostolado, maior graça de preservação — "ne nos inducas in tentationem" e maior idealismo sadio e fecundo com que encararemos a vida.

Que aprendamos cada vês mais, a trabalhar, pensar, sentir e agir, a viver num mundo em que não vivemos, não apalpamos, mas que atinge até a medula dos ossos e é tão real, é tão poderoso, tão fecundo, como são reais as nossas imensas catedrais, o zêlo do missionário e fecunda a Caridade. Que um surto de renovação cristã e religiosa se verifique em nossas casas religiosas, aumentando conseqüentemente o amor, a paixão pelos tesouros, belezas da vida de uma alma totalmente consagrada a Deus e que acima disso mesmo só exista a responsabilidade de ser religiosa segundo o desejo da Santa Madre Igreja, pensamento dos Papas e necessidades atuais.

B — Vida dos Institutos — A Educação

A fôrça conquistadora do exemplo. O bom exemplo, a busca da santidade por parte dos membros da Congregação, atraem, prendem, arrastam, recrutam. Que fôrça de convicção terá aquela religiosa que fala das belezas da vida religiosa, mas que em seu viver deixa algo a desejar? A união por exemplo com suas co-irmãs, a obediência às ordens recebidas, a dependência em coisas pequeninas, o zêlo, a dedicação, a generosidade, o desprendimento, a piedade sólida, são imprescindíveis. Num inquérito feito entre alunas concluintes do científico e normal, 90% das respostas à pergunta: "para você, o que faria da vida do convento, vida ideal?", foi esta: "maior compreensão das Irmãs entre si mesmas". É antigo o adágio a palavra compõe, mas o que arrasta é o exemplo. Brigas, vida terra à terra, ciúmes, pequeninas honrinhas, são falhas da natureza humana, mas, que afastam aquelas que almejam um dia fazer parte daquela família religiosa. A humildade, e o recomeçar uma nova vida, recuperam em parte, o que foi destruído perante as alunas. Lembremo-nos de que somos espetáculo diante dos anjos e dos homens.

Será que estamos sempre lembradas de que devemos sustentar moralmente nossas irmãs? Será que a bondade que nos torna abordáveis, é apanágio de nossa conduta com o próximo? É o sentido da justiça? Será que a alegria, que deve traduzir sempre os sentimentos que nos vão

nalma, é a afirmativa autêntica de que nos sentimos felizes, não somos frustradas, falidas, mas sabemos o que viemos fazer, o que estamos fazendo, e que estamos cõscias do papel que devemos desempenhar na Igreja, que estamos ajustadas no tipo de vida que levamos, contentes, realizando-nos porque realizando o ideal da congregação? Que a "celebração litúrgica in-cruenta de Cristo no Altar, seja seguida do sacrifício cruento da vida cotidiana de cada religiosa".

O exemplo é uma das fôrças mais expressivas de conquista para a vida religiosa.

Educação — (ambiente do lar, da escola, etc.). Já foi dito que se educa uma criança antes dela nascer. Ora, mutatis mutandis, recruta-se uma jovem, fortalece-se uma vocação, muito antes de a mesma atingir a 3.^a infância ou adolescência, idade em que já se pode tomar a sério um compromisso vocacional. . . .

Pela forma educativa, dada às alunas, desde a mais tenra idade, um ambiente no qual tudo fale de Deus, mesmo sem se falar em Deus, onde as verdades eternas são respeitadas, acatadas e praticadas, como predispõe a alma para sentir-se cada vêz mais atraída e fortalecida à vida religiosa? Quem ousa negar que o lar de Sta. Teresinha muito contribuiu para hoje contarmos no céu com uma irmãzinha querida, a nos apresentar a santidade tão ao nosso alcance, dando-nos a certeza de sua chuva de rosas?

Não ensinemos o que depois não vai ser posto em prática. . . não transformemos o hospital, o colégio, etc. em casa de "vendilhões", mas que antes de tudo, colégio e hospital, creché e ambulatório sejam um **Templo**. Templo que se desdobra em auxílio ao corpo sem desprestígio da alma. Fugamos à rotina. O ambiente da Casa religiosa deve ser uma forma em si, de recrutamento; os membros da família religiosa devem estar sempre em posição de sentido, isto é: como se todo momento, fõsse momento de recrutar. A juventude (e é daí que sairão as vocações) deve sentir-se **amada**. Outrossim: deve sentir-se cercada de um ambiente de sincera alegria, de tranquilidade, de ordem, de paz, de caridade. Cada religiosa deve ser uma personalidade. Por fim, a juventude deve sentir que suas educadoras, sabem **harmonizar antíteses**:

- autoridade e liberdade,
- corpo social e valor individual,
- tradição e progresso.

Outrossim: dar uma noção segura da finalidade objetiva dos conselhos evangélicos:

I. **Virgindade** — a adolescente deve saber que em si dormem tendências para o gôzo dos prazeres sensuais. Esta tendência desperta na adolescência e é de tal violência que pode levar de roldão a consciência, a razão, se não lhe forem postas barreiras. Barreira por excelência, doce liame, é a virgindade. Quando entrar na religião, deve saber o que livremente vai sacrificar. Não é violentada, não é uma fracã, uma sonhadora, uma vítima mórbida de uma Igreja atrasada e tirânica. É livre, e talvez nunca seja tão livre, como no momento em que renunciou a maternidade carnal, pela espiritual, ficando virgem. Deve saber que a primeira das virtudes não é a castidade e sim a Caridade. Saber que a castidade vale pelo amor. Já S. Gregório dizia: "sem a caridade, a castidade não é grande". Quem torna possível a castidade, é a caridade.

II. **Pobreza** — Uma das paixões humanas que levam o desequilíbrio à vida social e individual, é a cobiça. Para restituir a liberdade da alma, Cristo pregou e exercitou a renúncia completa. A primeira atitude é o desapego interno. É normal, que alguém na Igreja renuncie também externamente, a bens que já não ama e os ponha a serviço do apostolado, da caridade. "Vai, vende o que tens, e dá-o aos pobres... e terás assim no céu o teu tesouro". Depois disso: "vem e segue-me, se queres ser perfeito". Para uma adolescente cheia de entusiasmo e de ideal, que ressonâncias, que atrativos apresenta êste convite!

III. **Obediência** — Novamente somos obrigados a renunciar a nossa autonomia em tudo o que a vontade de Deus exige de nós. Os preceitos. Essa renúncia nasce de uma atitude também interna da alma: reconhecimento da deficiência da própria vontade e sujeição à vontade de Deus, que lhe manifesta não só as suas vantagens, mas seus desejos, por um representante na terra. Seguir os desejos manifestados por uma criatura em nome de Deus, é uma homenagem devida só a Deus. Tal é o voto e a virtude da obediência. Lá onde Deus nos deixara a liberdade, nós colocamos a vontade de Deus como norma e ideal de vida.

Ensino de Religião — tão essencial êsse ponto, já foi tocado atrás.

C — Direção Espiritual

É imprescindível uma boa direção espiritual, se se pretende adquirir vocações. Muita coisa fica reservada ao confessor. Ali se conta com a graça do sacramento e só ali. Ninguém melhor — por direito — poderá discernir algo de uma vocação do que o próprio diretor espiritual, ou confessor. O papel da Irmã é levar a alma ao Padre (quando preciso)

e não tomar mesmo para si a direção da alma. Num convento dos EE. UU. e ano passado, numa turma de 60 alunas, que terminaram o curso, 35 foram ser religiosas aí na congregação e 10 entraram em outros conventos. Investigado o motivo de tal afluência de vocações, encontrou-se:

- a) a atuação do confessor, um capelão zeloso;
- b) a presença de uma religiosa bem formada, alegre, zelosa, que? e assim, por diante.
- c) a piedade profunda daquela gente simples, do campo.

IV. MEIOS E TÉCNICAS MODERNAS NO PROCESSO DO RECRUTAMENTO

1. **Semanas de estudo** — bem planejadas, bem organizadas, para que depois possam ser bem vividas. Os assuntos ou variados, ou tratando só do problema vocacional, ventilando os 3 aspectos: vocação matrimonial, celibatária, religiosa.

2. **Exposições** — (permanentes e ocasionais). Para estas: cartazes sugestivos sobre a vida, ocupações apostólicas dos missionários, dos educadores, das enfermeiras, das que se dedicam aos trabalhos sociais; fotografias, gráficos, dados estatísticos. Ainda não se desfez totalmente a idéia corrente de que o religioso... apenas reza, não fazendo nada de útil, nem a si, nem à sociedade. Abismam-se e quase não acreditam quando seus olhos pousam na imensidão de trabalhos executados pelos religiosos.

3. **Aplicações de testes, inquéritos:** Apurando entre as jovens, quais as que são portadoras de maior número de dotes que teriam sua expansão máxima na casa religiosa. Há falsas interpretações a êsse respeito. Para ser freira: a mais calada, a quieta, a boasinha. O inquérito poderá, ou ser feito assim: "Dentre suas colegas, qual a mais inteligente? a mais capaz? a mais piedosa? a mais amável, a que se dá com tôdas, a mais social? a leader da turma? etc. ou: "quais as qualidades que você acha indispensáveis numa educadora, numa enfermeira?". Ou ainda, para tomar o pulso da mentalidade sobre a vida religiosa, — Que pensa da vida religiosa? por que? — O que acha ruim na vida religiosa? Por que?

— Tem vontade de ser freira? (no caso de **sim**, ou de **não**, dizer o porque).

— Se fôsse ser religiosa, que congregação escolheria? Por que?

— Para você, o que faria ser 100% a vida do convento? Por que tratava com a juventude do colégio;

4. **Conversas, palestras, conferências** sôbre a sublimidade e beleza e supremacia da vida religiosa. Se o ambiente do lar principalmente, da escola subestimam a vida religiosa, esta não poderá medrar.

5. **Festas** — No estrangeiro são empregadas como meio de recrutamento, dando ótimos resultados. Não sei se em nosso meio, colheríamos os mesmos frutos. Poderiam ser levadas a efeito, com um bom e variado programas, obêdecendo mais ou menos a esta norma: uma ligeira palestra sôbre "vocação em geral"; parte recreativa, com distribuição de doces, refrescos; música; filme sôbre um dia no convento; exposição de trabalhos dos missionários, etc. etc.

6. **Filmagem** — sôbre a vida do noviciado, uma vestição, solenidade da Profissão, passeio, férias, festa de 1.^a Comunhão, formatura, dia no juvenato, juniorato, etc.

7. **Biografia do fundador** — aulas sôbre êle; visita à classe da imagem de fundador, falando-se sôbre seus feitos, sua personalidade.

8. **Folhetos de propaganda** — em moldes bem atuais, sugestivos, atraentes, com técnica e estética; dísticos, parte estatística, fotografias, etc. etc. Não se ama o que não se conhece.

9. **Dias de estudo** — nos moldes da Semana, de feição mais intensiva do que extensiva. Focalizar por exemplo: vocações em geral e os 3 estados de vida.

10. **Círculos de Pais e mestres** — a fim de preparar ambiente que consinta o afloramento de uma vocação... se surgir naquela ditosa família. Explicar aos pais a obrigação que êles têm de consentir os filhos seguirem a própria vocação.

11. **Círculos de estudo** — sôbre a vocação; os votos; vida em comum, etc.

12. **Passeios** — Parece ser rendoso realizar passeios após a semana, os dias de estudo, a aplicação de um teste. Levar a passeio as que pretendem entrar no juvenato, por exemplo.

Falando sôbre a vida religiosa, frisar mais a parte positiva do que a negativa. Apresentar a vida religiosa como é: vida de sacrifício. Mostrar as rosas, mas não esconder os espinhos. A vida religiosa é uma cruz. Se olharmos sômente a cruz, desanimamos, desesperamos. Olhar o Cristo na cruz, o que alenta, encoraja e nos fortifica.

Não desprezar e pelo contrário, colocar em 1.^o plano, os meios classicos:

- 1 — a oração
- 2 — a pregação
- 3 — os retiros
- 4 — a devoção a Maria Santíssima.

13. E, finalmente, como meio novo, de recrutamento, a fundação de Juvenatos.

CONCLUSÕES :

E necessário procurar **realizar** a própria vocação cada vez mais. Para tanto devem as Superiores, principalmente as Madres Provinciais, satisfazer a vontade expressa do Santo Padre, numa **adaptação** inteligente, justa e oportuna, tornando as Congregações que dirigem, à altura dos tempos hodiernos, e sintonizando o quanto possível seus esforços com o pensar, querer, sentir da Igreja, na realização plena do "Sentire cum Ecclesia". Necessária uma piedade sólida, haurida na Igreja, no coração do próprio Cristo.

Que a vida das Congregações, de cada religiosa, retrate o clima de seu habitat e seja uma força para o recrutamento, através da caridade de Cristo, expandindo alegria, irradiando bondade. Que a educação e demais campos de apostolado, aulas de catecismo, etc., convívio com as alunas, sejam outras modalidades de recrutamento.

Sirvamo-nos de toda a técnica de propaganda: semanas de Vocações, círculos de pais e mestres, passeios, imprensa, rádio, cinema, e de modo especial da fundação do juniorato.

Fazemos votos também que nos Seminários haja intrusão precisa sobre a vocação religiosa feminina.

ATIVIDADES CATEQUÉTICAS

NA PROVÍNCIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL

Irmão João de Deus — Provincial dos Maristas

Solicitado a apresentar um como que relatório das atividades catequéticas de nossos Irmãos, venho, pela exposição que segue, atender ao desejo formulado.

Para facilitar a compreensão do que vai ser dito e advertindo que, em nossas aulas, temos meia hora de Religião por dia, dividiremos o assunto em cinco parágrafos: a) Casas de formação; b) Colégios; c) Escolas gratuitas; d) Obras assistenciais; e) Considerações gerais.

a) Casas de formação.

Dois motivos principais nos levam a cuidar da catequese nas casas de formação: o primeiro é para atender à necessidade das almas, e o segundo é despertar, desde cedo, o sentido apostólico nos formandos.

Em dois centros, particularmente se desenvolve este movimento: Mendes e Curitiba.

a) Mendes: É a Casa Provincial, onde se encontram o Noviciado e um dos nossos Juvenatos. Seis Irmãos se distribuem a tarefa catequística que abrange um total aproximado de 800 almas.

Há, primeiro, uma centena de meninos que frequentam a escola gratuita, depois, os agregados da Fazenda; os Grupos escolares da cidade de Mendes e a população da vila de Martins Costa.

Data este movimento, de 1903, quando os Irmãos ali chegaram, mas, inicialmente, reduzido aos agregados e famílias. Desde alguns anos, atinge toda a redondeza e comporta os mais variados casos de assistência espiritual.

Para ter-se uma idéia mais concreta da obra, ponham-se os olhos nos seguintes dados da última estatística, fornecida pelo Irmão chefe do movimento (Junho de 1956 — junho de 1957):

106 recepções do Escapulário;

20 entronizações dos Sagrados Corações de Jesus e Maria nos lares;

3 batizados de adultos;

14 casamentos legalizados e outros tantos em preparação;

23 primeiras comunhões de adultos;

195 primeiras comunhões de crianças;

32 Cruzados e 6 Apóstolos;

124 famílias visitadas por Nossa Senhora em seus lares.

Na Casa Provincial houve 7.800 comunhões de pessoas de fora com a Escola.

b) Curitiba: Funcionam, em Curitiba, no Alto das Mercês, o Escolasticado e o nosso segundo Juvenato da Província.

Desde uma dezena de anos, que lá existe um catecismo popular, frequentado por uma centena de meninos.

Em princípios dêste ano, ficou estabelecido, pelos Superiores que, além dêste catecismo, os Irmãos Escolásticos que estão a terminar o curso (3.^a Série), iriam às paróquias vizinhas para, de combinação com os respectivos párocos, trabalhar nos catecismos. Dêste modo, estão atendendo a mais de 300 crianças.

Três Irmãos da Comunidade se responsabilizam pelo catecismo em outra paróquia, dêle necessitada. São atendidas aí, mais de cem crianças que, com as anteriores, perfazem um total de 400 assistidas por nossos Irmãos desta Comunidade.

b) Colégios.

Assim denominamos as nossas Comunidades que trabalham nos Colégios, embora a ação se passe justamente fora dêles, tratando-se de um apostolado anexo a mais das ocupações costumeiras.

1) Colégio Santa Maria (Curitiba): Começou o trabalho há dois anos. Frequentam o catecismo para mais de 600 crianças a quem, no ano passado, foram distribuídas mais de 4.500 peças de vestiário, conseguidas entre os alunos e suas famílias. Os Irmãos são ajudados por um grupo de Congregados.

2) **Colégio Diocesano (Uberaba)**: Além da escola gratuita, há um catecismo a que vai uma centena de meninos. Eram êles, frequentadores indesejáveis do pomar. Achou-se de melhor alvitre, educá-los, pelo catecismo, e dar-lhes as frutas apetecidas pelo merecimento no proveito das aulas.

3) **Colégio Marista (Poços de Caldas)**: Os Irmãos e alguns Congregados atendem a uns cem meninos de um bairro completamente nas mãos dos protestantes. Tencionam dar início, em breve, a uma capela para o lugar.

4) **Colégio Coração de Jesus (Varginha)**: Os Irmãos com um grupo de 15 Congregados ou Cruzados, dominaram a cidade, pois têm a seus cuidados, 1.100 crianças, sem contar o curso noturno de alfabetização, com 35 adultos. O comércio da cidade está contribuindo com donativos para os mais necessitados.

5) **Colégio Nossa Senhora do Brasil (Colatina)**: E' movimento de todo incipiente, contando já, entretanto, 200 crianças nas reuniões.

6) **Ginásio Nossa Senhora da Penha (Cidade do Espírito Santo ou Vila Velha)**: São atendidas umas 300 crianças, em duas paróquias infestadas de "crentes". Um Irmão da Comunidade participa, como professor, do curso de formação para catequistas.

7) **Ginásio São José (Montes Claros)**: Mal chegados a essa cidade, pois o Colégio foi inaugurado êsse ano, já os Irmãos se encarregaram do catecismo de uma paróquia em que há cêrca de 200 crianças.

8) **Colégio Santista (Santos)**: Irmãos preparam as turmas de primeira comunhão em dois grupos escolares, atingindo 100 meninos, no primeiro semestre dêste ano.

9) **Externato São José (Rio)**: Mais de 400 alunos são catequizados pelos Irmãos e um bom grupo de Congregados, em duas escolas da redondeza. Foi fundada a obra assistencial Serviço Champagnat, em junho p. p. Esperam-se bons frutos.

10) **Colégio Arquidiocesano (São Paulo)**: Além da escola gratuita, é dado o catecismo a umas cem crianças que, como nos Colégios, aproveitam dos recreios, terminada a instrução.

11) **Colégio Nossa Senhora do Carmo (São Paulo)**: Além da assistência aos favelados, os Irmãos tomaram a si, organizar um centro catequético, para as crianças que vivem perto da chácara dos Irmãos, em São Bernardo, onde já contam com umas 60 crianças.

c) Escolas gratuitas.

Ao lado dessa atuação quase que exclusivamente catequética, há simultaneamente a assistência escolar, nos seguintes lugares:

a) Mendes: Escola São Benedito, com 100 alunos. Dá o ensino primário e, terminado este, o aluno recebe um diploma de aproveitamento, muito considerado na região.

b) Uberaba: Escola Irmão Afonso, com 210 alunos. E' noturna e ministra todo o primário. O interessante é que as aulas são tôdas ministradas por alunos voluntários do Curso Colegial, reservando-se os Irmãos, as de catecismo.

c) Rio (Internato): Escola Champagnat, com uns 40 alunos; ajudam-nos Congregados Marianos.

d) Varginha: Curso noturno de alfabetização com 75 adultos.

e) São Paulo: (Colégio Arquidiocesano): Escola Nossa Senhora do Rosário, com 3.º e 4.º anos primários e para uma centena de alunos.

d) Obras Assistenciais:

Existem, por enquanto, duas, sendo muito do nosso empenho, criar e desenvolver outras com a cooperação das **Associações dos Antigos Alunos e Pais e Mestres**.

a) Colégio Nossa Senhora do Carmo (São Paulo): Com a colaboração da Congregação Mariana dos Antigos Alunos e auxiliada pelos donativos dos alunos e famílias, atende-se permanentemente a umas 25 famílias faveladas, socorrendo cêrca de 200 pessoas.

b) Externato São José (Rio): A 6 de junho p. p. foi fundado, no Externato São José (Rio), o Serviço Champagnat, patrocinado pela Associação de Pais e Mestres. Tudo está preparado para começar a funcionar em agôsto p. f.

Temos fundadas esperanças que será um movimento de grande envergadura.

QUADROS ESTATÍSTICOS

I — Quadro Geral: Resumindo todos êsses dados, teríamos o seguinte quadro:

Curitiba:	a) Colégio Santa Maria	600
	b) Alto das Mercês	400

Mendes:	a) Escola São Benedito	100
	b) Catecismo	700
Rio:	a) Internato (Escola Champagnat)	40
	b) Externato (Catecismo)	400
Uberaba:	a) Escola Irmão Afonso	210
	b) Catecismo	100
Varginha:	a) Curso noturno	35
	b) Catecismo	1.100
São Paulo:	a) Colégio Arquidiocesano: 1) Catecismo	100
	2) Externato N. S. Rosário	100
	b) Colégio N. S. do Carmo 1) Favela	200
	2) Catecismo	60
Colatina:	Catecismo	200
Cidade do Espírito Santo:	300
Montes Claros:	Catecismo	200
Santos:	Catecismo	100
Poços de Caldas:	Catecismo	100
	<hr/>	
	Total	5.045

II — Escolas Gratuitas: (Já incluídas no quadro geral):

Escola São Menedito (Mendes)	100
Escola Nossa Senhora do Rosário (Arquidiocese de São Paulo)	100
Escola Champagnat (Rio — Internato)	40
Escola Irmão Afonso (Uberaba)	210
	<hr/>
Total	485

Além destes gratuitos há ainda bem mais de 600 espalhados pelos Colégios.

III — Síntese.

Obra catequética	4.360
Escolas gratuitas	485
Obra assistencial	200
	<hr/>
Total:	5.045

E — Considerações Gerais:

Apenas umas poucas considerações gerais para melhor compreensão do que foi sucintamente exposto:

1.^a) Evidentemente, os números só por si não dizem tudo. Nuns lugares, trabalha-se antes em profundidade, noutros, mais em extensão, tudo dependendo de dois fatores principais: Personalidade dos catequistas ou necessidades locais.

2.^a) Atrás ou antes, dentro dêsse movimento, há verdadeiros heroísmos. Dois casos: Aquêlê aluno que, entre a frequência ao "cursinho" para os vestibulares e a sua aula, dada gratuitamente, preferiu a aula; o Irmãozinho, acabado de sair do Escolasticado, entre o catecismo do grupo escolar e um passeio a uma cidade vizinha, que êle muito gostaria de conhecer, sacrifica o passeio.

3.^a) O entusiasmo pelo movimento catequético está sendo tal que no mesmo Colégio, aproveitando da sugestão do Superior, um Irmão compõe a palavra e o outro, a música do Hino do Catecismo. Era o zêlo e o talento a se irmanarem.

4.^a) Diante da importância que está tomando essa arrancada apostólica, resolveram os Superiores da Província, reunidos em Campinas, julho p. p. imprimir os primeiros elementos de catecismo, num opusculozinho e difundí-los o mais possível, entre os catequizandos. Será cobrado apenas o preço de custo.

5.^a) Como agente de ligação e repertório de informações recíprocas, foi instituído um Boletim Catequético mimeografado, que é editado em Curitiba sob a direção do Irmão Visitador, auxiliado pelos Irmãos Escolásticos.

Conclusão:

Eis, em linhas gerais, um conspecto das atividades catequéticas extra curriculares, na Província Marista do Brasil Central. Representa isto apenas um comêço, porquanto acreditamos que muito mais se possa e deve fazer.

Bem razão tinha o Beato Champagnat quando, ainda no Seminário, dizia a seus companheiros e confidentes espirituais: Precisamos de Irmãos.

Sim, e para que êles saibam corresponder ao apêlo do Mestre, necessitam, entre outras coisas, de diretores espirituais que os compreendam, reconfortem e defendam.

QUESTÕES MÉDICO-MORAIS

Pe. Frei Rafael de União O. F. M. Cap.

II

E U T A N Á S I A

I — Noções.

Eutanásia etimologicamente significa **boa morte, morte feliz** (do grego: "eu" = bem; e thánatos = morte). É a morte efetuada por misericórdia, como dizem, por piedade, de todos aquêles que se acham contaminados por uma gravíssima doença, incurável ou mesmo dolorosíssima. A êstes procuram-se diminuir as dores, acelerando a sua morte; isto porque são considerados ordinariamente como membros inúteis e de pêso à sociedade.

Os vestígios desta doutrina se encontram já com os Gregos antigos e com os latinos, como referem Platão e Egésia (doutrina apelidada com o nome: **Peisithananatos** ou **persuasores da morte**), Plínio, Sílio Itálico; depois da Idade Média, no tempo da Renascença ocidental: Tomás Moro, Francisco Bacon e outros. Ordinariamente a eutanásia se applicava aos soldados vencidos na guerra, aos enfermos, que não queriam mais suportar dores físicas e morais e aos velhos, seja porque afetados de doença incurável seja pelo enjôo (!) da vida. Nestes casos, não havia nenhum direito ou lei que prescrevesse a eutanásia; voluntariamente se pedia o término da existência.

No século XIX, esta questão foi novamente ventilada; e os médicos principalmente, os filósofos, os escritores românticos e os poetas, do ano 1820 até nós escreveram muitos livros, quasi todos defendendo e procurando pôr novamente em prática a eutanásia.

Contra esta corrente, porém, geralmente falando, a jurisprudência e a própria medicina oficial defendem o contrário. Ferri enumera vários casos, em que os executores da eutanásia foram condenados pelos tribunais da França, quasi sempre, porém, nos primeiros decênios do século passado. Um caso somente encontrou-se em que o tribunal, movido de comiserção, absolveu o réu: tratava-se do Oficial Combes que, no campo de batalha, pôs termo à vida de um soldado, que lhe pedira aliviasse as grandes dores que sofria.

Os médicos, excetuados poucos, ordinariamente desaprovaram a eutanásia, como Sichar, Bouquet, Guermontprez — e a chamam de **premeditada morte médica** (1).

Na França, o médico Richet, no seu livro: *La sélection humaine* (Paris 1919), pretendia aplicar em tôda a sua extensão às idéias da seleção natural de C. Darwin, que até agora tinham sido aplicadas somente aos animais e com máxima utilidade. Com esta **seleção humana** pela eutanásia, não haveria mais necessidade de conservar e sustentar nos vários institutos a grande multidão de infelizes e cessariam consideravelmente aquelas somas pecuniárias ingentes, que anualmente se gastam na sua manutenção: o que redundaria em grande benefício para a comunidade. Acresce ainda que o número dêstes **inúteis** (!) aumenta de dia para dia e portanto, maiores gastos, maior pêso para a sociedade. Teriam, então, a **aurea aetas** dos poetas!!!

Na Inglaterra, no ano de 1936, houve uma tentativa, frustrada porém, para que os deputados introduzissem a lei da prática legal da eutanásia.

O mesmo procurou-se obter em Nebraska em 1937 e no Estado de Nova York no ano de 1947. Não menos de 1776 médicos dêste último Estado pediram para que a lei não condenasse os réus de eutanásia, prática atualmente tão em voga. A lei, que tinha por fautores a **The Euthanasia Society of America** e vários médicos, deveria ser redigida assim:

- 1 — Todos aquêles que estão afetados por alguma enfermidade dolorosa e incurável e fôrem de maiores, têm o direito de impetrar a eutanásia aos magistrados competentes, contanto que apresentem um documento subscrito pelos requerentes, ao qual esteja anexo o atestado do próprio médico sôbre a insanabilidade da doença.
- 2 — Os Magistrados, recebendo êste documento, nomearão uma comissão composta de três membros, dos quais ao menos dois

(1) Cfr. ANTONELLI, medicina Pastoralis, vol. II, pág. 124.

sejam médicos, a fim de examinarem sèriamente a petição e em seguida fará ciente aos magistrados se o determinado caso seja admissível pela lei e o doente tenha plena consciência do seu requerimento.

- 3 — Se a comissão der o voto favorável, os magistrados concederão ao doente o uso da eutanásia, que será efetuada ou por si mesmo ou pelos médicos ou por uma pessoa pelo mesmo escolhida ou pela própria Comissão (2).

Na Rússia, no ano de 1922, no mês de junho, o governo mandou que se fuzilassem 117 crianças, porque atacadas por doenças incuráveis! (3).

II — Moralidade.

Nesta matéria, os propugnadores da eutanásia costumam esconder a sua má intenção debaixo de um sentimentalismo de piedade. E' necessário, portanto, estejamos precavidos contra êstes sofismas, estabelecendo os princípios fundamentais da moral cristã.

- 1 — A eutanásia, por sí, é ilícita, iniqua e injusta.

O direito sôbre a vida do homem compete unicamente a Deus. A nossa vida depende de Deus e não dos homens; portanto, ninguém a pode extinguir nem em si mesmo nem também em outros, como pretendem os defensores da eutanásia.

Acresce outrossim que a ciência humana é muito limitada e pode se enganar e frequentemente se engana na estimação do perigo de morte e da gravidade da doença. Daquí a possibilidade de acelerar a morte de um indivíduo, que viveria ainda por muitos anos. De fato, muitos que foram desenganados pelos médicos, vivem ou viveram por vários anos.

O Dr. Cabot quis examinar a perícia dos médicos da América do Norte sôbre o acêrto do diagnóstico; fez a secção de 3.000 cadáveres, que recebeu com o diagnóstico de cada um e descobriu que 40% estavam errados, seja quanto à natureza e adiantamento da doença, seja quanto à parte

(2) Cfr. FÁBREGAS M., S. J., *De euthanasia licetate*, em *Periodica de re morali canonica liturgica* 43 (1954), 253.

(3) Cfr. ANTONELLI, o. c., vol. II, pág. 126.

do corpo afetada. As causas destes erros foram: a ignorância, o exame não consciencioso do enfermo, a autosugestão, a falta de ciência anatômica e a imperícia em relacionar os sintomas, o temor da responsabilidade, a complicação da diagnose. Estes erros, pergunta Cabot, acontecem somente na América do Norte? Se a diagnose é errada, como será então o prognóstico? (4).

Não se aprova também a eliminação **total** dos sofrimentos. As dores e as enfermidades, no sentido cristão e espiritual, não são coisas indiferentes, mas preciosas margaridas, oferecidas pelo Senhor a fim de se merecer a vida eterna. Com as dores e as enfermidades pacientemente suportadas, se purgam os pecados e se nos dá a possibilidade de ingressarmos mais cedo no céu. Tudo isto é auferido pela eutanásia. Esta poderá, portanto, impedir a conversão para Deus; pois, com a eutanásia, a vida se extingue sem que alguém pense na morte e se estiver em pecado mortal, terá no outro mundo uma sorte infeliz.

Com isto, porém, não se cogite que a doutrina católica não permita a mitigação das dores. Uma coisa é tirar completamente a razão ou a liberdade, como faz a eutanásia; outra, é tornar mais suportáveis as penas deste nosso exílio.

Concluindo: a eutanásia, no sentido materialista, é exsecrável e a sua prática condenável, injusta e ímpia.

2 — A eutanásia é **ilícita**, porque importa a aceleração da morte diretamente causada e premeditada, o que não se permite.

A razão principal desta iliceidade se baseia nos seguintes pontos:

- a) porque é contra o direito **divino**: a abreviação da vida, da qual Deus somente pode absolutamente dispor, subtrai algo ao seu poder e à sua glória;
- b) porque é contra o direito **humano** e a caridade, especialmente quando o doente fôr contrário e dolosamente lhe dão narcóticos, que tolhem a sua razão.

(4) Cfr. *Journal of the Americ. Medical. Association*, março de 1915. Cfr. também: FANFANI L. J., O. P., *Manuale theoric-practicum theologiae moralis*, tom. II, n.º 229, pág. 340: "Accedit quod si arbitrio unius vel alterius relinquatur disporre, saltem in agonia, de vita humana, propter imperitiam vel malitiam, abusus multiplices et contra pietatem et contra iustitiam erga ipsos morientes irrepere poterunt; dum e contra complures actus virtutis tum ex parte morientium, si suspensus sunt conscii, tum ex parte consanguineorum, amicorum aliorumque adsistentium occasione protractae agoniae fieri possunt et fiunt. Quare etiam ex hac parte convenientia apparet relinquendi ut leges naturae, etiam quoad cessationem vitae, inter homines et coram Deo compleantur".

III — Cooperação.

A cooperação **formal** para a eutanásia, proibida pela própria razão, **nunca é lícita**.

Cooperação formal seria participar **intencionalmente** na execução de uma ação intrinsecamente má. Não havendo esta intenção, temos a cooperação material, que pode ser **mediata e imediata**. A **imediate**, por exemplo; preparar a injeção de morfina, **permanece sempre proibida**; a cooperação material mediata ou remota, como: esterilizar os ferros, transportar o enfermo de um a outro quarto, onde se deve aplicar a injeção de morfina, havendo uma causa proporcionadamente grave, seria **lícita**. A razão é, porque, neste caso, somente por caridade somos obrigados a evitar o mal; e a caridade não obriga com grave incômodo.

Nos hospitais, dirigidos pelas Religiosas, a estas cabe também o dever de advertir enfermos e médicos sobre a iliceidade de uma determinada ação ou intervenção médica.

A PARTICIPAÇÃO DOS COLÉGIOS CATÓLICOS NA PRÓXIMA CELEBRAÇÃO DO DIA NACIONAL E UNIVERSAL DE AÇÃO DE GRAÇAS

Alice Gérin Isnard Tavora

Já está suficientemente conhecida entre nós a grandiosa Cruzada Pró Dia Universal de Ação de Graças, instituída sob a égide da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sob a presidência do Emmo. Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, Arcebispo de São Paulo, abençoada por Sua Santidade o Papa Pio XII, por dezessete Cardeais, pelo Episcopado nacional e grande parte dos mais altos Prelados nos cinco continentes e confirmada por um rescrito especial da Suprema Congregação do Santo Offício.

Vários colégios católicos, desde há dois anos, atendendo a um apêlo que lhes foi feito, confirmaram à direção da Cruzada a sua participação nas comemorações da quarta quinta-feira de novembro. Vale rememorar o nome dêsses pioneiros: Colégio São Paulo, Colégio Santo Amaro, Faculdade Santa Úrsula, Pequena Cruzada de Santa Teresinha do Menino Jesus — no Rio de Janeiro; Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, de Taubaté, Colégio Nossa Senhora das Dores, de Uberaba, Escola Normal Sagrado Coração de Jesus, de São Paulo, Escola São José, de Rio Negro, Paraná, Ginásio e Escola Normal Bom Jesus, de Salvador, Instituto Sagrado Coração de Jesus, de Cabo Frio.

Ao avizinhar-se a data do próximo "Dia de Deus" — 28 de novembro, êste ano — pede a Cruzada Pró Dia Universal de Ação de Graças a valiosa e indispensável adesão de todos os colégios católicos para tão bela causa brasileira, de âmbito mundial, sugerindo a maior participação possível no Te Deum Oficial que, com a presença das autoridades civis, cantado pelo Prelado Diocesano, simboliza a voz da Pátria agradecida.

E tendo em vista igualmente propagar entre os fiéis em geral, e sobretudo entre os alunos dos colégios católicos, os ex-alunos e suas fa-

mílias, o dever individual de agradecer à Providência Divina, apela a Cruzada para que se torne mais conhecido o Te Deum e mais frequente a recitação dêsse hino por excelência de ação de graças, cuja importância, na liturgia, nos dispensamos de encarecer.

Divulgamos a seguir alguns dados sobre a Cruzada e seus beneméritos fins — religioso, cívico, social, nacional e internacional — transmitindo da parte de sua Direção o pedido para que lhe seja comunicada (Caixa postal n.º 1.212 — Rio) a participação dada ao movimento, a fim de que êsses sucintos relatórios constem dos seus anais e constituam estímulo não só ao apostolado católico neste vasto terreno educacional mas ainda em todos os demais setores da vida católica no Brasil e no exterior.

A Cruzada Pró Dia Universal de Ação de Graças visa a promover no mundo inteiro a glorificação pública, oficial, do Santo Nome de Deus como Supremo Regedor dos povos, combatendo de maneira prática “o nefasto espírito do laicismo dos indivíduos e do Estado, ao qual se devem, na sua máxima parte, os males de toda sorte contra os quais luta o mundo contemporâneo” (Dos Estatutos) — mediante a celebração, na quarta quinta-feira de novembro, do Dia Universal de Ação de Graças.

A celebração — Momento culminante do “Dia de Deus”, instituído no Brasil desde 1949 pela Áurea Lei N.º 781 de 17 de agosto, é a celebração, pelo Cardeal - Arcebispo do Rio de Janeiro, de um solene Te Deum na Candelária, com a presença do Presidente da República, Vice-Presidente, Ministros de Estado, Corpo Diplomático e seu Decano o Exmo. Núncio Apostólico, Prefeito Municipal, Congressistas, e demais autoridades civis, militares, religiosas.

Idêntica cerimônia se realiza nos âmbitos estaduais e municipais, com missas de ação de graças e Horas Santas; sessões cívico - religiosas nos estabelecimentos de ensino públicos e particulares, alocuções na “Voz do Brasil” e estações de rádio locais, entronizações do Crucifixo nos estabelecimentos públicos, hospitais, tribunais, comemorações no legislativo federal, nas assembléias estaduais.

É isto verdadeiramente a realização prática do voto do Santo Padre Pio XII, no seu discurso irradiado para o mundo inteiro em novembro de 1956: “Senhor! Senhor! Que o Teu Nome inefável, fonte do direito, da justiça e da liberdade, seja pronunciado nos parlamentos, nas praças públicas, nos lares e nas fábricas; a imprensa e o rádio O proclamem! Faça o Senhor que o seu Nome seja sinônimo de paz e de liberdade para todos

os homens de boa vontade, traço de união entre os povos e as nações, e sinal pelo qual os irmãos se reconheçam e colaborem na obra da salvação comum”.

Corrigindo o grave erro do agnosticismo do estado — Estabelecida, em 1889, no regime de separação entre a Igreja e o Estado, a República Brasileira não foi jamais hostil à Igreja, mas conservou em princípio a doutrina do laicismo, da neutralidade do Estado, o que tornava as relações com a Igreja dependentes da maior ou menor boa vontade dos governantes. O esforço dos católicos conseguiu incluir na reforma da Constituição, há dez anos, o salutar artigo pelo qual o Nome de Deus é invocado no seu preâmbulo. Tratava-se, porém, de um Deus sem altares, sem culto, uma invocação que não satisfazia plenamente a consciência católica do Brasil. Surgiu então providencialmente um movimento popular, apoiado pela Hierarquia: esta Cruzada — que veio corrigir em parte a situação lamentável do Estado leigo e agnóstico.

Ainda um voto do Santo Padre — Foi em 1909 que se deu o fato histórico que se acha na base desse movimento gradioso de espiritualidade cristã e concórdia internacional.

Após a Missa solene celebrada no Dia de Ação de Graças na Igreja de São Patrício, em Washington, com a presença do Presidente Taft, Secretário Knox, e os representantes diplomáticos das nações americanas, o Embaixador do Brasil, Joaquim Nabuco, expressou um anelo: “Oxalá tóda a humanidade se unisse anualmente, no mesmo dia, para um universal agradecimento a Deus” (26-11-1909).

Em 1949 isto se realizava, no que se refere ao Brasil, e Roma consagrava indiretamente o movimento, na ocasião em que S. S. Pio XII, recebendo um grupo de congressistas norte-americanos no Dia de Ação de Graças, assim falou: “Será necessário dizer-vos quanto o nosso coração se sente comovido e alentado com êste repetido testemunho — e bem quiséramos que se tornasse universal! — da consciência que tendes de uma das primordiais obrigações ligadas ao exercício de tóda missão estatal responsável?”.

Em 1954 uma Carta do Santo Padre sublinhava: “O dever de render a Deus o preito de homenagem e de gratidão pelos benefícios recebidos diz respeito não só aos indivíduos, mas também às famílias e às Nações e ao Estado como tal”. “Amortecido ou quase perdido na sociedade moderna o sentir da Igreja e vistas as consequências do agnosticismo religioso dos

Estados, impõe-se a necessidade de arrepiar caminho, de modo que tôdas as Nações, irmanadas ao pé do altar, reafirmem públicamente a sua crença em Deus e ergam o louvor devido ao Supremo Regedor dos povos. Para que surta todo o seu efeito, é necessário também que tal ato público de religião não seja puramente formal, mas seja cada vez mais sentido e vivido pela consciência de povo cristão" (Carta a S. Emcia. o Cardeal Motta).

E finalmente, em Março de 1956, a Cruzada era aprovada, sem restrição alguma, pela Suprema Congregação do Santo Ofício.

A expansão, graças à ação da Hierraquia Católica — Desde 1951, quando o Dia Inter-americano de Ação de Graças se firmou nas três Américas, devido à admirável resposta da Hierarquia aos apêlos do Episcopado nacional, foi verdadeiramente admirável o progresso dêste movimento em todo o mundo.

Em 1952 o Cardeal de Havana e o Arcebispo de Assunção obtiveram dos respectivos governos a instituição oficial em Cuba e no Paraguai. No ano passado, o Cardeal-Arcebispo de Quito obteve-a no Equador; e os preladados das Filipinas, do seu Presidente que decretou êsse dia, Feriado nacional.

Como preparação para atingir essa meta última, já deram sua adesão coletiva e por unanimidade os Bispos da Argentina e de El Salvador.

E a 22 de agosto p. p. a Conferência Episcopal Centro-americana, constituída dos Prelados de seis nações da América Central, a saber — Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e Panamá — tomou a seguinte resolução: "Cada Província Eclesiástica pedirá ao respectivo Governo a instituição oficial da data; e desde êste ano, a celebração se fará com a presença das Supremas Autoridades Civis".

Graças, ainda, à ação da Hierarquia, pudemos registrar em 1956 a presença de 67 nações e territórios, muitos dêles dominados pelo paganismo e pela heterodoxia, representados por uma ou mais localidades, no côro universal da gratidão a Deus... Grécia, Itália, Iraque, Irã, Paquistão, China (achando-se todos os preladados no exílio), Japão, Indonésia, Niassaland, Angola, Gana, Daomey, Congo Belga, Sudão, Gabão, Líbia, Camerum, Índia...

As 67 nações e territórios já se elevam êste ano a 73, com o acréscimo de adesões na Polônia (Czestochowa!), Arábia (Ahmadi e Kuwait), Camerum Francês (Douala), Rodésia do Norte (Lusaka), Áustria (Viena), Ilha Samoa... cantando-se também, a 28 de novembro próximo, o Te Deum na Galiléia, "onde tudo nos fala de Cristo, nosso Salvador" — escreve o

Exmo. Arcebispo G. Hakim.

Comove ainda recordar que foi no ano passado, quando faltava apenas um mês para a celebração do primeiro Dia de Ação de Graças com caráter realmente universal, tendo então a Cruzada atingido o quinto continente, que vimos a bondade de Deus antecipar-se ao Te Deum mundial dando à Cristandade a grande alegria de ver dois dos seus Cardeais deixarem a prisão, e desmascarar-se cabalmente o comunismo que, pelo anti-stalinismo, vinha se revestindo da pele de mansa ovelha, aliciando incautos e crédulos no mundo inteiro.

“Sanctificetur Nomen Tuum” — Cada ano, mais e melhor!

UMA REVISTA INTERNACIONAL DE EXPERIÊNCIAS APOSTÓLICAS

Pe. Tiago G. Cloin Csb.

Constata-se, no mundo católico inteiro, tanto no clero como no laicato, uma admirável intensificação do espírito apostólico, uma viva preocupação para fazer penetrar, mais profundamente e em ritmo acelerado, o cristianismo particularmente em terras pagãs e zonas descristianizadas. É indiscutivelmente o atual Papa, o "Pastor Angelicus", que pelas suas encíclicas e numerosas alocuções, deu ao movimento um vigoroso impulso e lhe imprimiu um cunho muito particular. Inúmeras publicações, artigos de revista e monografias, sobre os fundamentos e formas de apostolado, se sucedem ininterruptamente, intercalando nas suas exposições comunicativas a respeito de experiências apostólicas, já realizadas ou em vias de realização, em todos os países.

Foram estas comunicações que despertaram um interesse fora de comum. Missionários de todo gênero experimentaram quanta força sugestiva têm as experiências de outrem para repensar seus próprios problemas, revisar seus métodos adaptando-os às necessidades concretas e buscar novos caminhos para maior penetração no meio pagão ou descristianizado. Fazia-se sentir a necessidade de uma revista internacional, dedicada exclusivamente à divulgação de experiências apostólicas e troca de idéias sobre as mesmas. Foi o Revmo. Pe. F. Legrand da Congregação do Coração Imaculado de Maria de Scheut e ex-missionário na China, que tomou em 1955 a iniciativa, lançando em Setembro daquele ano a revista "Le Christ au monde. Revue internationale d'expériences apostoliques", com sede em Lungotevere dei Vallati, 1, Roma.

Estava êle providencialmente preparado para isso por ter dirigido na China, antes da revolução comunista, semelhante revista, embora apenas em plano nacional. Com 4 fascículos e em total 500 páginas anuais,

sai a revista, desde o início, em duas edições, em francês e inglês, estando prevista, para breve, uma terceira edição, provavelmente em espanhol. Durante sua breve existência de apenas dois anos conseguiu ela aproximadamente 4.000 assinaturas, distribuídas por todos os continentes. A equipe de redação, trabalhando com tempo integral, é atualmente composta de três Religiosos e uma Religiosa, sendo o Pe. Legrand o responsável diante das autoridades eclesiásticas.

Além de pôr ao alcance dos "missionários" as experiências apostólicas de outrem, visa a Revista: criar um ambiente de zelo e conquista apostólica mais intensas, examinar métodos e técnicas empregadas, com seus sucessos e eventuais fracassos, indagando-lhes o motivo, analisar as necessidades religiosas regionais e as correntes ideológicas da atualidade (particularmente o marxismo) procurando-lhes, em equipe, a solução e resposta para alcançar uma adequada adaptação do apostolado. A Revista se destina a sacerdotes, religiosos e apóstolos leigos que se consagram ao apostolado em meios pagãos ou descristianizados. Embora não seja uma revista secreta, convém não divulgá-la fora de meios autenticamente cristãos para não fornecer aos adversários informações sôbre as nossas experiências apostólicas.

Entre as rubricas da Revista, embora não tôdas estejam representadas em cada fascículo, mencionamos: diretivas pontifícias para o apostolado, experiências de métodos e técnicas de apostolado católico e de propaganda não-católica, formação para o apostolado, problemas religiosos e morais, obstáculos ao apostolado. Uma secção particular é dedicada às reações de "missionários" do mundo inteiro a respeito das experiências publicadas na Revista.

Para darmos uma impressão mais concreta da riqueza da Revista, relatamos aqui uma série de experiências, particularmente sugestivas, comunicadas durante êstes primeiros dois anos de sua existência:

sôbre a Legião de Maria e suas várias campanhas

nos Estados Unidos	1955, II, 31 — 36
na China	1956, III, 7 — 15
Africa	1956, IV, 53 — 55; 1957, 93 — 100
Inglaterra	1956, IV, 71 — 79
Nova Guiné	1956, V, 46 — 49.

sôbre as SS. Missões:

- pregadas por leigos na Itália 1956 V, 33 — 45
- para Protestantes na Irlanda 1956 V, 14 — 32
- com auto-capelas nos E. U. 1956 VI, 27 — 38

sôbre apostolado paroquial

- em meio descristianizado urbano na França 1956 VI, 9 — 26
- Bélgica 1957, 23 — 31
- em meio descristianizado rural nos E. U. 1956 III, 16 — 25

sôbre o apostolado de visita domiciliar

- na Bélgica 1955 I, 53 — 56
- nos E. U. 1955 II, 87 — 88; IV, 8 — 19; V, 8 — 12

sôbre o comunismo

- objeções do comunismo 1955 I, 61 — 70
- táticas comunistas 1955 I, 83 — 86
- para preparar ao perigo comunista 1956 III, 64 — 77
- educação atéia comunista 1956 VI, 139 — 154; 1957, 101 — 113

preparação dos jovens operários para o apostolado da JOC 1956 III, 59 — 79

apostolado de informações a não-católicos na Holanda 1957, 182 — 194

apostolado por cartazes no Japão 1956 V, 85 — 97

o movimento "por um mundo melhor" 1955 II, 9 — 17

movimento de rearmamento moral 1956 V, 111 — 126

campanha de Billy Graham na Inglaterra 1956 III, 104 — 115

pregação na rua nos E. U. e na Inglaterra 1957, 39 — 49

apostolado pelo Rádio no Colômbia 1956 V, 38 — 47

apostolado pela Imprensa no Brasil 1956 V, 50 — 55

participação de Seminaristas no apostolado 1957, 221 — 231

na França 1957, 232 — 238

na Índia 1957, 239 — 242

Esta Revista preenche providencialmente, ao que nos parece, uma grande lacuna na impressionante galeria de Revistas católicas. É apenas por uma revista especializada como esta que as experiências apostólicas do mundo inteiro ficam ao alcance de todos e se tornam verdadeiramente patrimônio comum dos "missionários". Qual o resultado imediato de tais

comunicações de experiências se nos patenteia pelas reações, publicadas na Revista, de missionários de todos os países e dos recantos mais afastados do orbe católico.

Para as casas de formação, tanto de Religiosos como de Religiosas, particularmente, porém, para os Seminários maiores, e para qualquer centro de estudos missionários será esta Revista uma inesgotável fonte de informação e uma dinâmica força de inspiração para maior intensidade e progressiva adaptação do apostolado nas largas camadas de indiferentes e meio-des cristianizadas, particularmente das grandes aglomerações urbanas.

JUBILEU DE PRATA DOS PADRES DOS SAGRADOS CORAÇÕES

S. M. Martin, SS. CC.

Comemorando seus 25 anos de vida apostólica no Brasil, a Pró-Província dos Padres dos Sagrados Corações com sede no Rio de Janeiro, à Rua Conde de Bonfim, 474 - Tijuca, elaborou festivo programa precedido de uma "Semana Pró Vocações Sacerdotais", que teve lugar entre os dias 21 e 28 de julho. Diversos e ilustres conferencistas leigos, professôres do Seminário Maior Arquidiocesano de São José no Rio de Janeiro, usaram da palavra no decorrer da semana, perante um público numerosíssimo, abordando a importância e a necessidade de se trabalhar cada vez mais em prol das vocações sacerdotais em nossa Pátria. Teceram também várias considerações em torno da grandiosa obra apostólica realizada pelos Padres dos Sagrados Corações na terra Brasileira. A parte artística que esteve a cargo de uma das associações paroquiais, apresentou tôdas as noites, diversos números de canto orfeônico, poesias, música, esquetes, finalizando com o Hino das Vocações Sacerdotais, apresentando sempre um bellissimo quadro vivo referente ao ato.

Dia 28 de julho, domingo, data máxima das comemorações, S. Emcia. Revma. D. Jayme de Barros Câmara, Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, celebrou missa festiva e distribuiu comunhão a tôdas as associações paroquiais. No fim do Evangelho, teve S. Emcia. palavras repassadas de afeto e gratidão para com os Padres dos Sagrados Corações, que no decurso dêsses 25 anos, realizaram uma grandiosa obra de fecundo apostolado, particularmente nas paróquias da sua arquidiocese.

As 10 horas, houve solene Pontifical pelo Exmo. Sr. Núncio Apostólico, D. Armando Lombardi, sendo executada a missa de Perosi, a três

vozes, pelo seletto côro dos Irmãos Maristas do Colégio São José. Usando da palavra na ocasião o Revmo. Pe. Frei Luiz Gonzaga O. F. M., congratulou-se com os padres dos Sagrados Corações, que demonstrando um ardoroso espírito apostólico trazido das longinquas terras da Península Ibérica, plasmaram nas almas que lhes foram confiadas o mesmo zêlo e amor a Deus infundidos por São Francisco Xavier e o venerável Pe. Anchieta nas Indias e no Brasil.

A missa vespertina, celebrada às 18 horas e o solene Te-Deum teve como celebrante Sua Excia. D. Hoton Mota, bispo auxiliar e amigo íntimo da Comunidade.

As festividades foram encerradas às 20 horas com uma reunião no Salão Paroquial que contou com grande número de paroquianos, amigos e benfeitores da Província. A soleníssima sessão literário-musical foi presidida pelo Exmo. Sr. Embaixador da Espanha no Brasil e contou com a presença do Cônsul Geral daquele país no Rio de Janeiro bem como de outras autoridades eclesiásticas e civís.

O Revmo. Pe. Nicolau Guardia S. S. C. C., Pró-Provincial, agradeceu penhorado a presença e colaboração que todos emprestaram à semana das Vocações sacerdotais e em particular as solenidades daquele "Dia Argênteo" encerradas naquele momento com o comparecimento de tão ilustres personalidades. O embaixador da Espanha usando da palavra, agradeceu em inflamada oração as obras realizadas pelos padres dos Sagrados Corações da Pró-Província brasileira nestes 25 anos, em pról da Igreja e da Pátria. A seguir fêz a comunicação oficial de ter o Generalíssimo Franco agraciado com a Grande Cruz de Isabel a Católica, aos padres da Pró-Província, outorgando esta condecoração na pessoa do seu Superior Maior o Revmo. Pe. Nicolau Guardia, que pela segunda vez ocupa o cargo de Pró-Provincial.

Como lembrança das Festas Jubilares foi publicada uma elegante e bem confeccionada revista na qual se registram em traços esquemáticos os principais feitos dos padres dos Sagrados Corações nestes 25 anos, assim como algumas das figuras mais proeminentes que muito contribuíram para o desenvolvimento da Congregação no Brasil.

Na referida revista presta-se também um preito de saudade aos quatro padres que já passaram à melhor vida no decorrer de seus trabalhos de infatigável e sacrificada vida apostólica.

A grandiosa obra realizada pelos padres dos Sagrados Corações da Pró-Província brasileira, no decorrer destes 25 anos resume-se na regência de 16 paróquias com perto de 120 capelas anexas; distribuíram neste período

mais de (dez milhões) 10.000.000 de comunhões, batizaram 150.000 crianças e 1.250 adultos, uniram pelos laços sagrados do matrimônio 23.500 pessoas; prepararam para a 1.^a comunhão 30.000 crianças; ensinaram o catecismo a mais de 500.000 crianças e muitíssimos adultos; administraram os últimos Sacramentos a 8.500 enfermos; prepararam 130.000 fiéis para receber o Santo Sacramento da Confirmação; entronizaram o Sagrado Coração de Jesus em 30.000 lares; dirigiram inúmeras vezes a sua palavra apostólica a milhares de almas e promoveram 18 grandes missões nas suas paróquias.

AS IRMÃS TERCEIRAS FRANCISCANAS ALCANTARINAS

Pe. Frei Jacinto de Palazzolo O. F. M. Cap.

Deus escolhe em todos os tempos seus privilegiados, aos quais confia uma determinada missão no meio da sociedade.

A história da Congregação das Irmãs Terceiras Franciscanas Alcantarinas é mais uma prova desta verdade.

Padre Vicente Gargiulo e Luiza Russo pertencem a essa classe de heróis. Deus escolheu-os para realizarem uma obra religiosa e social de grande alcance: — a fundação da Congregação Alcantarina.

Que terra lhes embalou o berço?

Quem eram êsses privilegiados?

Como se desenvolveu e prosperou essa Congregação no seio da Igreja, na Itália e no Brasil?

As respostas a essas três perguntas constituem o resumo da história do Instituto das Religiosas Alcantarinas do qual nos ocupamos nesta feliz ocorrência da comemoração do Jubileu de Prata da chegada das primeiras irmãs ao Rio de Janeiro.

Castellamare di Stábia.

Exatamente onde o mar etrusco toma amplidão, abre-se, na península itálica, vasta e profunda baía em cujo seio abrigam-se ridentes cidades que aformoseiam o afamado Golfo de Nápoles, cuja incomparável beleza foi cantada pelos poetas de todos os tempos e de tôdas as terras, pois, ali parecem estarem reunidos todos os encantos da natureza.

Nêsse maravilhoso cenário, mostruário de tôdas as belezas espalhadas no mundo, encontra-se a cidade de Castellamare di Stábia, berço dos fundadores da Congregação das Irmãs Alcantarinas.

E' uma das cidades do golfo de Nápoles. Carrega milênios de história e tradições cristãs. Apresenta-se porém com aspecto moderno. Estende-se

em arco acompanhando o golfo, exatamente onde a península sorrentina inicia seu belo e estupendo salto para o mar.

Casas de belo aspecto, amplas praças, alamedas ensombradas, são os traços que mais realçam no encantador panorama. No alto domina o velho castelo, testemunha de séculos passados. No centro a imponente catedral relembra as tradições e as glórias cristãs. Em redor, de ambos os lados, estendem-se bosques de carvalhos, castanheiros, pinheiros, laranjeiras e limoeiros, que enchem de aromas o ambiente.

Duas almas privilegiadas.

Era o ano de 1867. Na cidade de Castellamare tomava posse da pároquia o novo titular, o jovem sacerdote de 33 anos, Padre Vicente Gargiulo, natural da mesma cidade.

Desde os primeiros dias o jovem pároco da Matriz do Espírito Santo, revelou-se uma alma sensibilíssima de apóstolo, inteligência aberta e coração abracado de caridade.

Os tempos eram maus e ele compreendeu que o apostolado exigia sacrifício e muito amor de Deus. As heresias espalhadas pela revolução envenenavam as consciências, inoculando a dúvida e alimentando a descrença.

Reinava então o angélico Pontífice Pio IX, cujo pontificado foi o mais longo entre todos, 31 anos e 7 meses, mas foi também uma verdadeira Via Crucis de sofrimento e de martírios. Cercado de inimigos, o intrépido Pontífice não hesitou em fulminar com a publicação do "**Syllabus Herrorum**", os erros e as heresias que serpeavam na sociedade corrompendo e pervertendo os costumes.

Nêsse clima deletério o jovem sacerdote de Castellamare concebeu a idéia da fundação de um instituto que cuidasse especialmente da educação e formação de meninas pobres, as mais expostas aos perigos do mundo.

Luiza Russo, jovem admirada pela vida piedosa que desde a sua infância levava, diretora da Pia União das Filhas de Maria, foi convidada pelo pároco e tornou-se fiel aliada e preciosa colaboradora. Mais do que o saber, avultavam nela as virtudes da humildade, da caridade e da obediência, e, sobretudo, o conhecimento prático das necessidades da juventude do seu tempo.

As duas almas privilegiadas, Padre Vicente Gargiulo e Luiza Russo, votaram-se à realização da grande obra ideada. Unidos pelo mesmo espírito

de sacrifício, tornaram-se, pela humilde docilidade à vontade divina, instrumento nas mãos de Deus para a realização do ideal que acalentavam e para o qual viviam e trabalhavam sem cessar.

Não nos cabe aqui traçar a biografia dos Fundadores. Nesta modesta tarefa visamos apenas evocar o fato histórico e comemorar a data do Jubileu de Prata da chegada das primeiras Irmãs da Congregação, por êles fundada, no Rio de Janeiro.

Data da fundação e o ano decisivo.

O ano de 1869 marcou o início da Congregação das Irmãs Alcantarinas. Ao lado de Luiza Russo formaram, sob a sábia direção do Padre Gargiulo, outras moças, cujos nomes, merecem registo: Maria d'Uva, Agnese Bisogno, Raffaella Cuomo. No ano seguinte, 1870, com êsses elementos, abriram uma escola, a primeira, para meninas pobres. Era esta a pedra fundamental da nova Congregação, o prêmio do grandioso poema da caridade.

O ano porém decisivo foi o de 1874. No dia 17 de outubro o Bispo diocesano, com decreto especial, aprovou o nascente instituto que ia tomando forma e consistência. No dia seguinte, festa de São Pedro de Alcântara, vestiram o hábito da Congregação das Irmãs Terceiras Alcantarinas 12 candidatas e no ano de 1876, no dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição, professaram os votos religiosos de obediência, pobreza e castidade. A piedosa Luiza Russo ficou sendo a Superiora daquele pugilo de servas do Senhor, tomando o nome de Irmã Inês da Imaculada. Sob a vigilante e prudente direção do piedoso Pároco Gargiulo estavam finalmente levantadas as colunas mestras da Congregação que é hoje entre as mais beneméritas da milícia da santa Igreja.

Milagrosa expansão.

O reconhecimento oficial do Prelado diocesano foi o ponto de partida de gloriosas marchas e conquistas seguras. Aí estão a demonstrá-las as fundações que se seguiram vertiginosamente e sem desfalecimento:

Santo Agnello, de Sorrento, 6 junho 1876;

Resina, 13 setembro 1879;

Torre del Grego, 11 setembro 1879;

Roma, Santa Balbina, 30 novembro 1879;
Aquila, 5 maio 1882;
Castellamare, 7 junho 1882 e 21 novembro outra casa;
Tocco Casaurio, 7 junho 1883;
Venosa, 2 março 1885;
Castellamare, terceira casa, asilo para mendigos, 1 agosto 1887;
Canosa de Puglia, 30 agosto 1887;
Castellamare, mais uma casa, 24 setembro 1887”.

Essa milagrosa expansão era o resultado, como aparece evidente pelo ritmo impressionante, do providencial crescimento em número e qualidade e do intenso fervor de zelo e de atividade apostólica. Basta ponderar que onze anos depois da tomada de hábito das primeiras religiosas, o instituto alcantarino contava 120 membros.

Aprovação pontifícia: decreto de louvor.

O Decreto concedido pela Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares tem a data de 10 de setembro de 1894, assinado pelo Cardeal Verga, Prefeito da mesma Congregação.

O importante documento informa que naquele ano o instituto alcantarino, além da casa Mãe e outras em Castellamare, contava com mais oito casas filiais em 7 dioceses da Itália, com 130 religiosas professoras, 25 noviças e 10 probandas e, em vista das lisonjeiras cartas comendatícias dos Bispos, fazia-lhe altos encômios e os louvores merecidos, aprovados pelo Santo Padre Leão XIII.

Morte da fundadora e primeira superiora geral.

A Congregação estava no seu pleno esplendor, quando Deus, em 1891, chamou a si aquela que tudo dera ao Instituto: vinte e dois anos de sacrifícios e de imolação. Madre Inês da Imaculada deixou a morada terrena em 26 de dezembro de 1891. Não assistiu à celebração das Bodas de Prata da Congregação, nem à promulgação do Decreto de Louvor; levava porém a certeza de que a Congregação, pela sua pujança e pelo espírito de sacrifício e de piedade, teria um futuro de esplendor e de alegria e ela própria, sem saber, deixava às suas filhas uma rica herança de virtudes seráficas.

Morte do fundador.

Padre Vicente Gargiulo, elevado desde algum tempo à dignidade de Cônego, podia encerrar sua vida mortal e como o velho Simeão cantar frente à morte, o **Nunc dimittis**, pois a Congregação das Irmãs Alcantarinas, por êle fundada, ali estava como êle a tinha sonhado, exuberante de vida espiritual, viveiro de santas e intrépidas servas do Senhor. Irmã Morte veio buscá-lo no dia 22 de outubro de 1895. Morreu preparado para a grande viagem e despediu-se como os santos fundadores, abençoando suas filhas espirituais com os olhos fitos no céu.

Teve a satisfação de assistir à promulgação do Decreto de Louvor que, além de consagrar os seus trabalhos, reconhecer oficialmente sua Obra, dava à Congregação a proteção da Santa Sé, com todos os direitos que os sagrados cânones conferem às Congregações de direito pontifício.

No ano de 1903, em 14 de janeiro, Leão XIII, expirado o tempo de prova desde o decreto de louvor, concedeu a aprovação definitiva, reconhecendo na Congregação das Irmãs Alcantarinas uma grande família religiosa a serviço da Santa Igreja de Deus.

No Brasil.

As Bodas de Prata da Congregação das Irmãs Terceiras Franciscanas Alcantarinas, que agora comemoramos, coincidem com as Bodas de Prata do Movimento Constitucionalista de São Paulo.

Quando os paulistas pegaram armas em julho de 1932, as Irmãs Alcantarinas chegavam ao Rio de Janeiro, indo tomar a direção interna do Hospital Gaffrée Guinle e seu primeiro contato com os brasileiros foi justamente com os feridos que chegavam do campo da luta, pois o Hospital Gaffrée Guinle funcionava nessa emergência como Hospital Complementar do Exército. De como se portaram as boas religiosas, em número de 12, nessa missão de caridade, consta do Adidamento ao Boletim do General Diretor, Boletim N.º 79, de 1.º de dezembro, no qual foi exarado o elogio de cada uma das Irmãs e da comunidade, pelos inestimáveis serviços prestados e pela maneira como êsses serviços foram prestados.

Chefiava o grupo dessas primeiras religiosas uma das mais respeitáveis figuras de religiosa que eu tenho conhecido, venerável pela sua piedade e pelas suas virtudes. Hoje, alquebrada pelos anos e trabalhos incessantes, cheia de merecimentos, dirige a Comunidade da Casa generalícia

de Roma, e, tôdas as vêzes que encontra um brasileiro ou alguêm vindo do Brasil, é para ela uma festa. Chama-se essa religiosa: Madre Eugenia Catalano.

O Hospital Gaffrée Guinle, pela sua importância e movimento, exigiu sempre da parte das Irmãs abnegação e sacrifício. Pensando nêsse longo apostolado de 25 anos pensamos nas grandes alegrias e nas duras provações que sempre acompanham as obras de Deus e não hesitamos em declarar que cada uma das superiores que passaram por aí, desde a Madre Eugenia até a atual Madre Agilberta Piras, tem sido umas heroínas e cada religiosa um exemplo de piedade.

As fundações do Brasil.

As fundações de casas religiosas das Irmãs Alcantarinas são em número de 10, além do Hospital Gaffrée Guinle; representam uma soma ingente de trabalhos e de sacrifício. Essas casas estão espalhadas em quatro dioceses, Rio de Janeiro, Marília, Belo Horizonte e Estado do Rio.

Quem se demorar a estudar essas fundações não pode deixar de admirar a têmpera dessas piedosas Irmãs que não desanimam diante dos maiores obstáculos na realização de obras de assistência aos necessitados.

Patí de Alferes — foi a primeira dessas casas, e sua história é um poema de zelo e de operosidade. De uma pequena casa residencial, comprada em 1938, Deus sabe como, fizeram um orfanato que dispõe hoje de salões, dormitórios e linda capela, onde uma centena de crianças recebem, além da instrução e educação, os carinhos que os pais lhes não podem dar.

Os orfanatos de Itabirito e Nova Era, no Estado de Minas Gerais, são também dois exemplos de quanto sabem criar e realizar as religiosas alcantarinas.

O Instituto Padre Leonardo Carrescia na sua origem, na sua rápida construção, com seu orfanato e ginásio, é um milagre da Providência para cuja realização, além da graça divina, concorreram os esforços e cooperação da sua digna fundadora e superiora e suas religiosas; professores e professôras; benfeitores e, entre estes, destacadamente, P. Frei Cassiano M. de Villarosa, fundador e diretor do ginásio e a professôra Zélia Drummond Pereira da Silva, pelos inestimáveis serviços prestados ao mesmo Instituto desde sua fundação.

As Irmãs Alcantarinas prestam também e desenvolvem sua atividade em outras obras mantidas por caridosas entidades, como sejam, a Casa da Criança, da Legião Brasileira de Assistência, nesta capital; o Sanatório Cardoso Pontes, em Jacarepaguá, mantido pelo Banco do Brasil, e o Hospital Neuro Psiquiatria Infantil de Belo Horizonte. Em tôdas essas casas a presença e a operosidade das Irmãs Alcantarinas é altamente apreciada porque é a segura garantia da boa ordem e perfeita disciplina em todos os serviços.

A Casa Provincial ou Regional, como querem chama-la, com seu Noviciado e Educandário São Pedro de Alcântara, nesta arquidiocese, funciona no mesmo Convento no qual, durante alguns anos, existiu o Carmelo. Transferindo-se as Carmelitas para outro prédio mais apropriado, o edifício passou a pertencer às Alcantarinas, que guardam carinhosamente em seus corações a lembrança e as bênçãos deixadas pelas santas religiosas contemplativas.

Ultimamente, a convite do Exmo. Sr. Dom Hugo Bressane, a Congregação aceitou mais duas casas na diocese de Marília que muito prometem.

* * *

Ao concluir êste sucinto histórico da benemérita Congregação das Irmãs Terceiras Franciscanas Alcantarinas, consignamos, nestas linhas, nossas congratulações, extensivas às religiosas de além mar, particularmente à Madre Antonieta Moio, Superiora Geral da Congregação, amiga do Brasil, cujas casas visitou no fim do ano passado.

A Congregação Alcantarina desejamos novas e maiores conquistas.

COMUNICAÇÕES

A C. R. B. em sua nova Sede Própria.

A Conferência dos Religiosos tem já sua Sede própria. Depois de tantos e dificuldades que se apresentaram na procura de uma sede que satisfizesse suficientemente às necessidades da Secretaria Geral, Departamentos e Serviços, a 13 de setembro a Diretoria da Conferência assinou escritura de compra e venda de um andar inteiro do edifício Silva Ramos, situado à Avenida Rio Branco, 131. Trata-se do 9.º andar do edifício, com área de 426 m2, bem no centro da cidade do Rio de Janeiro.

A nova sede é suficientemente ampla para as necessidades da Conferência no momento, e espera-se que comporte o desenvolvimento de nossa organização por vários anos.

A partir dos primeiros dias de novembro instalar-se-ão na nova sede todos os Serviços da C. R. B., bem como os escritórios do Secretário Geral, Sub-Secretário, Redação e Administração da Revista, Departamento de Cinema, de Vocações e Formação Religiosa, de Missões e Imprensa. Além disso deverão funcionar na nova sede também uma Capela com o Santíssimo e uma sala de estar com material de escritório e telefone a disposição dos religiosos em serviço no centro da cidade.

A nova Sede própria é um resultado dos esforços conjuntos da Diretoria da C. R. B., que não poupou estudos e trabalhos para a consecução do que era o ideal comum, e dos Superiores e Superiores Provinciais que deram seu decidido apóio e generosa colaboração a êste empreendimento de grande vulto que revestir-se-á em benefício de todos.

Curso de férias sôbre a cura de almas na atualidade.

O Curso, cujo programa foi anunciado nesta Revista (n.º 27 pág. 569, n.º 28 pág. 631), realizar-se-á de 23 de janeiro a 6 de fevereiro, na Casa de Nossa Senhora da Paz, Rua Visconde de Pirajá, 476, Ipanema — Distrito

COMUNICAÇÕES

A C. R. B. em sua nova Sede Própria.

A Conferência dos Religiosos tem já sua Sede própria. Depois de tantos e dificuldades que se apresentaram na procura de uma sede que satisfizesse suficientemente às necessidades da Secretaria Geral, Departamentos e Serviços, a 13 de setembro a Diretoria da Conferência assinou escritura de compra e venda de um andar inteiro do edifício Silva Ramos, situado à Avenida Rio Branco, 131. Trata-se do 9.º andar do edifício, com área de 426 m2, bem no centro da cidade do Rio de Janeiro.

A nova sede é suficientemente ampla para as necessidades da Conferência no momento, e espera-se que comporte o desenvolvimento de nossa organização por vários anos.

A partir dos primeiros dias de novembro instalar-se-ão na nova sede todos os Serviços da C. R. B., bem como os escritórios do Secretário Geral, Sub-Secretário, Redação e Administração da Revista, Departamento de Cinema, de Vocações e Formação Religiosa, de Missões e Imprensa. Além disso deverão funcionar na nova sede também uma Capela com o Santíssimo e uma sala de estar com material de escritório e telefone a disposição dos religiosos em serviço no centro da cidade.

A nova Sede própria é um resultado dos esforços conjuntos da Diretoria da C. R. B., que não poupou estudos e trabalhos para a consecução do que era o ideal comum, e dos Superiores e Superiores Provinciais que deram seu decidido apóio e generosa colaboração a êste empreendimento de grande vulto que revestir-se-á em benefício de todos.

Curso de férias sôbre a cura de almas na atualidade.

O Curso, cujo programa foi anunciado nesta Revista (n.º 27 pág. 569, n.º 28 pág. 631), realizar-se-á de 23 de janeiro a 6 de fevereiro, na Casa de Nossa Senhora da Paz, Rua Visconde de Pirajá, 476, Ipanema — Distrito

Federal. Horário das Conferências: 9, 10,30 e 17 horas; horário de estudos em mesa redonda: 20 horas.

A taxa de inscrição é de Cr\$ 500,00, e dá direito a tôdas as conferências mimeografadas.

Haverá oportunidade de os Sacerdotes se hospedarem na Casa de Nossa Senhora da Paz: quartos individuais a Cr\$ 200,00 diários (Cr\$ 120,00 caso se celebre Missa por intenção do Diretor da Casa); quartos coletivos Cr\$ 150,00 (Cr\$ 100,00 com celebração de Missa por intenção do Diretor).

A inscrição para o curso, com ou sem hospedagem, está aberta **exclusivamente** na sede da C. R. B. — Rio, e poderá ser feita também por carta. Para podermos preparar com antecedência as cópias mimeografadas das conferências, solicitamos que a inscrição seja feita quanto antes.

CORRESPONDÊNCIA DAS SECÇÕES ESTADUAIS

Noticiário da Secção de Pernambuco.

— O **Departamento Catequético**, além de seu curso regular de 18 meses, assistido por 60 religiosas, pretende organizar uma exposição catequética, durante as missões.

— O **Departamento de Assistência à Saúde** acaba de organizar um curso intensivo de Deontologia, com a duração de três meses, com 3 aulas semanais. Este curso é dado por dois sacerdotes religiosos e seis médicos católicos de Recife. A matrícula já atingiu o número de 145 inscritos, não só religiosas, mas também enfermeiras leigas.

— O **Departamento de Serviço e Assistência Social** é o que menos trabalhos dá à Diretoria, dirigido como está pelas Irmãs do Bom Pastor, sobretudo pela esforçada Irmã Maria Rosa. — Continua na Escola de Serviço Social o curso regular de auxiliares de serviço social, com uma grande frequência de religiosas.

— O **Departamento da Boa Imprensa**, que já engatinha os primeiros passos, tem como secretária uma Irmã Legionária e, como tesoureira, uma Irmã Paulina. Cooperando co mo Departamento Catequético, como primeiro passo na sua campanha moralizadora, pretende o benjamim dos nossos Departamentos organizar uma pequena exposição de boas leituras, durante as Santas Missões.

— **Núcleos.** Pretende a Diretoria da Secção, ainda neste mês, organizar um Núcleo da C. R. B. em Garanhuns.

Curso de Catequistas em Vitória.

Após algumas dificuldades, julgadas a princípio insuperáveis, foi aberto oficialmente por Sua Excia. Revma. Dom José Joaquim Gonçalves, a 6 de abril, o Curso de Catequistas PIO XII, organizado pela Secção Estadual da C. R. B., em Vitória (ES).

O zeloso Presidente, Revmo. Pe. Mateus Panizza, dos Padres Pavanianos, foi o estimulador da obra e, graças a seus esforços, tornou-se realidade o Curso para o qual afluíram muitas alunas, atingindo a 52 a matrícula. Visando formar catequistas para o curso secundário, as candidatas têm no mínimo o curso Ginásial. Quase tôdas possuem outros estudos.

A propaganda foi feita pelo rádio, pela imprensa e pelos Padres Vigários, que receberam para isso carta-circular.

As aulas, ministradas aos sábados, das 15 às 18 horas, são assim distribuídas: **Dogmática e Moral:** Irmão Fulgêncio Bono, marista; **Pedagogia Catequética:** Irmã Angela de Oliveira, das Filhas de Caridade; **Liturgia:** Pe. Mateus Panizza.

O Curso funciona numa das salas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, estabelecimento dirigido pelas Filhas de Caridade.

NOVAS FUNDAÇÕES.

Itaquára — Bahia (sudoeste). O Dr. Agenor Alves de Araujo oferece em doação a uma Congregação feminina um prédio adaptável com área conveniente, para Colégio (cursos primário e secundário), Hospital, Assistência, com um auxílio de 200 para 300 mil cruzeiros anuais. O motivo da oferta é para fazer frente à Escola protestante muito bem equipada e para defesa do catolicismo contra o protestantismo invasor. A cidade de Itaquára fica próxima à Jaguaquára, cidade muito progressista do sudoeste baiano.

BIBLIOGRAFIA

Fulton Sheen, O ETERNO GALILEU. Tradução de Frei Caetano M. de Altamira O. F. M. Cap., Salvador (BA), Editôra Vida Franciscana, 1957, 174 págs.

A publicação compreende uma série de quinze discursos do incomparável orador sacro e escritor Fulton Sheen, sôbre a pessoa adorável de Nosso Senhor, seguindo-lhe os passos desde Belém até a vitória decisiva da gloriosa ressurreição. Assim começa o primeiro discurso, à maneira de sugestivo acorde inicial de uma sinfonia de amor criada por um gênio:

“Véspera de Natal! em dezenas de milhares de residências reina durante esta noite, a alegria e a felicidade; os jardins entram pelas janelas em forma de grinaldas e as flores penetram nas salas de visitas em forma de árvores; findou-se o longo advento das crianças e, já agora satisfeitas, pulam em tórno de seus brinquedos; a mesma atmosfera respira contentamento; o amor cintila, acumulam-se presentes, recambiam-se as felicitações, os corações enternecem. Em tôda a parte, novo espírito, nova vida,

nova esperança, novo júbilo”.

Nessa obra encontrarão os sacerdotes argumentos para conferências, tanto apologéticas quanto ascéticas, sejam morais sejam dogmáticas. As almas pædo-sas aí depararão alimento substancioso para sua vida de amor a Jesus. Mesmo os increus poderão ser abalados por essas páginas recamadas de insinuantes e luminosas observações a respeito da doutrina e da fisionomia singular do bendito Filho do Eterno Pai e de Maria Virgem, Galileu em vista de seu aparecimento no tempo, Eterno pela sua pre-história no seio do Eterno Pai.

A obra compreende 174 páginas em esmerada edição da Editôra Vida Franciscana, Convento da Piedade, Salvador (BA), onde pode ser encomendada. Encontra-se também na Editôra Santa Maria, Av. Rio Branco, 135 - sala 709, Distrito Federal.

(Fim)

Abbé Pierre. O DRAMA DA HABITAÇÃO POPULAR — Palestras e Conferências. Tradução de Marina Telles de Menezes. Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editôra, 1957, 156 págs.

Através do drama da habitação popular apresentado no livro transparece o apostolado social dos 800 “trapeiros parisienses” que constituem o sustentáculo do movimento “Emaus”, dirigido pelo Abbé Pierre. E é mais esta epopéia do que aquêle drama que abalará profundamente a consciência, não apenas de leigos, mas ainda de sacerdotes e religiosos. A mensagem, autenticamente evangélica, de “fome e sede de justiça”, formulada às vèzes em palavras selvagens e encarnada na “cólera do amor”,

conforme a expressão do Abbé Pierre, deixará muitos salutarmente confundidos.

A obra merece a mais ampla divulgação, nomeadamente através de nossa juventude estudantil, que se entusiasmará pela mensagem e a transmitirá ao meio ambiente que poderá beneficiar-se largamente daquela salutar confusão. Merece a obra ser conhecida pessoalmente para alcançar a maior divulgação.

Pe. Tiago G. Cloin C.Ss.R.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Dom Orlando Chaves, Arcebispo Metropolitano de Cuiabá, CARTA PASTORAL, Despedida à Diocese de Corumbá, Saudação à Arquidiocese de Cuiabá. 1957, 32 págs.

BOLETIM da "Obra de Assistência aos Pobres e aos Menores Vendilhões", XXIII, n.º 1. Paróquia de Nazaré, Salvador, 1956. Número especial.

18.º ANUÁRIO DA DIOCESE DE CAMPANHA, 1956, por Mons. José do Patrocínio Lefort, Chanceler do Bispado. 80 págs.

Maria Clara Machado, TEATRO INFANTIL. Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editôra, 1957.

Pe. Caetano Vasconcelos, PALAVRAS DE VIDA (4.ª Série), 6 volumes (Diante de Cristo, Com a Mãe de Jesus, Visita aos doentes, Apêlo aos jovens, Palavras às Mães, Filosofia da vida). Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editôra, 1957, 40 págs. cada volume.

M. Brillant e Aigrain, HISTOIRE DES RELIGIONS — T. V. Paris, Bloud et Gay, 386 págs.

Granoise Derkenne, LA VIE E LA JOIE AU CATECHISME. (Livro do Mestre, nova edição). Paris, Ed. de Gigord, 328 págs.

LA CHAUMINE. (Leituras para o 1.º e 2.º anos primários) Paris, Bourrelhier, 120 págs.

AIDE — MENOIRE DE LITURGIE. Paris, Procure dó Clergé, 40 págs.

André Vedel et Vildrac, LE FRANÇAIS. (3.º e 4.º ano primário) Paris, Ecole, 224 págs.

Foulquié, PRECIS DE PSYCHOLOGIE. Paris, Ecole, 366 págs.

Montagu, St. FRANÇOIS D'ASSISE. Paris Presses de l'Île de France, 78 págs. il. enc.

Rouger France, NOUVELLE ANTHOLOGIE POETIQUE. Paris, F. Nathan, 3166 págs.

Sac. Augustinus Pugliese, a Studiis S. C. R., ADNOTATIONES (comentário sobre a Constituição Apostólica "Sedes Sapientiae" e Estatutos Gerais). Separata do "Monitor Ecclesiasticus". fasc. IV, 1956, págs. 563 - 628. Roma, Descleé.

